

INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS  
Campus Ouro Preto

Suellen Magalhães Ferrari

ARQUITETURA RESIDENCIAL MINEIRA NOS SÉCULOS XVIII E XIX:  
Adequações aos novos usos

Ouro Preto

2010

ARQUITETURA RESIDENCIAL MINEIRA NOS SÉCULOS XVIII  
E XIX:  
Adequações aos novos usos

Monografia apresentada ao  
Instituto Federal Minas Gerais –  
Campus Ouro Preto como  
requisito parcial para obtenção do  
título de Tecnólogo em  
Conservação e Restauração de  
Imóveis.

Orientadora: Maria Cristina Rocha Simão

Ouro Preto

2010

Dedico este meu primeiro trabalho a minha família: Antônio, Sônia e  
Andressa, pessoas que sempre acreditaram em mim.

## **Agradecimentos**

A minha família pelos ensinamentos, esforços e por não me deixar desistir, ao Rafael pela compreensão e companheirismo, aos amigos e funcionários do Museu da Inconfidência pelo incentivo e fornecimento de material para o trabalho, a Cristina por exigir o melhor de mim, a todos os colaboradores deste estudo e principalmente a Deus que sempre ilumina meu caminho.

## **Resumo**

O propósito deste trabalho é estudar o fenômeno de habitar nas casas de Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX, como espaço de moradia, através das influências portuguesas tornou-se brasileiro. Para tanto, iremos transitar pelo espaço interno da casa, a fim de conhecer como era a disposição dos cômodos e o que foi alterado e adaptado de um século para o outro. Para uma melhor compreensão das evoluções e adequações aos novos usos das edificações, optamos por estudar a Casa do Pilar, sobrado do século XVIII localizado em Ouro Preto que originalmente foi uma residência e passou em 1966 a desempenhar a função de órgão público. Nesse estudo de caso iremos analisar se as alterações ocorridas para receber esse novo uso e mesmo as recentes adequações conseguiram preservar a tipologia da casa e atender a qualidade de vida dos usuários e dos funcionários do local.

Palavras-chave: adequações aos novos usos, preservação tipológica qualidade de vida.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 Évora (Portugal).....	15
FIGURA 2 Ouro Preto (Brasil) .....	15
FIGURA 3 e 4 Cidade de Lisboa (Portugal) e Ouro Preto (Brasil).....	17
FIGURA 5 Travessa Cônego Camilo Veloso - Ouro Preto.....	17
FIGURA 6 Estreita Rua São Francisco - Ouro Preto.....	18
FIGURA 7 Casas da Rua São Francisco – Ouro Preto.....	19
FIGURA 8 Ocupação das casas no lote.....	19
FIGURA 9 Conjunto arquitetônico da Praça Tiradentes .....	20
FIGURA 10 Quintais das casas da Rua Getulio Vargas – Ouro Preto .....	21
FIGURA 11 Sobrados da Rua São Francisco - Ouro Preto .....	22
FIGURA 12 Desenho esquemático da casa colonial.....	23
FIGURA 13 Rua Conceição - Ouro Preto.....	24
FIGURA 14 e 15 Sobrado de Diamantina (MG) .....	25
Figura 16 Planta de uma edificação construída no morro .....	26
FIGURA 17 Seqüência de seis casas geminadas - Rua Conceição, Ouro Preto.....	26
FIGURA 18 Planta e fachada de uma casa térrea .....	27
FIGURA 19 Sobrados geminados .....	28
FIGURA 20 Sobrado da Rua Dr. Alfredo Baeta, Ouro Preto .....	29
FIGURA 21 Fachada (estreita) dos fundos das casas - Largo do Rosário, Ouro Preto .....	30
FIGURA 22 Esquema de sobrado colonial com sacada na frente .....	31
FIGURA 23 Corredor principal – Diamantina, MG.....	31
FIGURA 24 Corredor principal – Rua Antônio de Albuquerque, Ouro Preto .....	32
FIGURA 25 e 24 Vista do Largo do Rosário .....	33
FIGURA 27 Casa com varanda lateral balaustrada .....	33
FIGURA 28 Sacadas com treliça do sobrado localizado na Rua do Pilar – Ouro Preto .....	34
FIGURA 29 Sacadas em treliça- Rua São Francisco, Ouro Preto .....	36
FIGURA 30 e 31 Uso de ferro nos portões e nas sacadas, portas e janelas com vidraças.....	37

FIGURA 32 e 33 Uso de cores vivas nos vãos das casas .....	38
FIGURA 34 Vidraças e ferro nas fachadas .....	38
FIGURA 35 Dimantina, MG .....	38
FIGURA 36 e 37 Movéis e enfeites usados no século XIX – Dimantina, MG.....	39
FIGURA 38 Sala de jantar, século XIX – Diamantina, MG .....	41
FIGURA 39 Sala de estar, século XIX – Diamantina, MG .....	42
FIGURA 40 Conjunto de paus-a-pique.....	48
FIGURA 41 Varas e terra do pau-a-pique .....	49
FIGURA 42 Muro feito de canga .....	51
FIGURA 43 Parede de canga.....	51
FIGURA 44 Panorama dos telhados das casa do Bairro Antônio Dias, Ouro Preto..	53
FIGURA 45 Fachada (estreita) dos fundos das casas - Largo do Rosário, Ouro Preto .....	54
FIGURA 47 e 48 Pinhas e enfeites nas fachadas .....	55
FIGURA 49 e 50 Louças sanitárias .....	56
FIGURA 51 Gráfico dos principais fatores na qualidade de vida.....	57
FIGURA 52 Fatores que influenciam na qualidade de vida.....	58
FIGURA 53 Prazer no ambiente de trabalho.....	59
FIGURA 54 Placa do projeto Monumenta, instalada na fachada da Casa do Pilar...	60
FIGURA 55 e 56 Fachada da casa maior e casa menor, respectivamente.....	61
FIGURA 57 Ladeira do Pilar, 1882.....	62
FIGURA 58 Tanque localizado no pátio .....	63
FIGURA 59 e 60 Escada central da casa maior, conservada após a reforma de 1966 .....	64
FIGURA 61 Supostamente o terceiro andar da casa maior .....	65
FIGURA 62 Supostamente a parede da cozinha .....	66
FIGURA 63 e 64 Chafariz e capela localizada no pátio .....	67
FIGURA 65 Foto atual do pátio interno das casas .....	68
FIGURA 66 Rua do Pilar na década de 30. Indicações das duas casas .....	68
FIGURA 67 Piso da portaria.....	70
FIGURA 68 Sacadas com gradil de ferro .....	71
FIGURA 69 Setor de Documentação e Pesquisa.....	72
FIGURA 70 Janelas voltadas para os fundos.....	73
FIGURA 71 Supostamente a localização da cozinha.....	74

FIGURA 72 Escada de acesso ao terceiro andar .....	74
FIGURA 73 Terceiro andar da Casa do Pilar .....	75
FIGURA 74 Entrada principal do segundo andar, com acesso ao terceiro pavimento .....	76
FIGURA 75 Entrada dos fundos ao terceiro pavimento .....	76
FIGURA 76 Piso de quartzito dos patios externos .....	77
FIGURA 77 Porta que liga o pátio externo ao pavimento térreo .....	79
FIGURA 78 Brita nas laterais da sala do Setor Pedagógico.....	80
FIGURA 79 Banheiro do pavimento térreo.....	81
FIGURA 80 e 81 Paredes de pedra do Setor Pedagógico .....	81
FIGURA 82 Raiz de uma planta na parede do Setor Pedagógico.....	82
FIGURA 83 e 84 Pilares de sustentação.....	83
FIGURA 85 Arquivo deslizante instalado no 2º andar .....	84
FIGURA 86 Abaixo do arquivo, estrutura metálica revestida com tábuas.....	85
FIGURA 87 Divisória no Setor Administrativo .....	86
FIGURA 88 e 89 Banheiros.....	87
FIGURA 90 Abertura no teto (tampada) nos banheiros .....	87
FIGURA 91 Box do banheiro do 3º andar .....	88
FIGURA 92 Fissuras nas paredes.....	88

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>10</b>
	<b>As moradias mineiras – séculos XVIII e XIX.....</b>	<b>13</b>
2.1	<b>Influências portuguesas no Brasil .....</b>	<b>13</b>
2.2	<b>Urbanização colonial .....</b>	<b>16</b>
2.3	<b>Casas Mineiras do século XVIII.....</b>	<b>22</b>
2.4	<b>Casas Mineiras do século XIX.....</b>	<b>35</b>
<b>3</b>	<b>Espaço interno das moradias .....</b>	<b>40</b>
3.1	<b>Setor social – Setor de receber.....</b>	<b>41</b>
3.2	<b>Setor íntimo .....</b>	<b>45</b>
3.3	<b>Setor de serviços .....</b>	<b>45</b>
3.4	<b>Área de serviços .....</b>	<b>47</b>
<b>4</b>	<b>Tecnologia e materiais.....</b>	<b>46</b>
<b>5</b>	<b>Estudo de caso .....</b>	<b>56</b>
5.1	<b>Casa do Pilar .....</b>	<b>59</b>
5.1.1	<b>Função Residencial.....</b>	<b>61</b>
5.1.2	<b>Função como Setor Público .....</b>	<b>69</b>
5.1.3	<b>Alterações feitas a partir de 1966.....</b>	<b>70</b>
5.1.4	<b>Projeto de Reforma atual.....</b>	<b>89</b>
<b>6</b>	<b>Conclusão .....</b>	<b>91</b>
	<b>Referências .....</b>	<b>93</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>95</b>

## 1 Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as transformações e reformulações arquitetônicas ocorridas ao longo dos anos e se estas contribuíram para atender aos diversos usos, visando a qualidade de vida de usuários e o respeito às formas arquitetônicas, questões importantes que, muitas vezes, passam despercebidas devido à distraída rotina do ato de habitar.

O texto privilegia a região de Minas Gerais com foco em Ouro Preto, por se tratar de uma cidade de grande representativa na arquitetura colonial e história do país, inclusive por manter boa parte do seu conjunto arquitetônico conservado seguindo processos de restauração.

A metodologia deste estudo compreende um trabalho de pesquisa bibliográfica de especialistas no assunto em questão, autores como Carlos Lemos, Francisco S. Verissimo, Willian Seba Mallmann Bittar, Gilberto Freyre, José Wasth Rodrigues e Sylvio de Vasconcellos que contribuíram para análise e sistematização dos dados. O estudo de caso e a organização de informações existentes permitiram uma visão cronológica e integrada da evolução do espaço do habitar desde os séculos XVIII e XIX até os dias atuais.

Sobre o estudo de caso, a pesquisa será desenvolvida na Casa do Pilar, um imponente sobrado do século XVIII instalado na Rua do Pilar nº 76, que de acordo com relatos, já exerceu diferentes funções no contexto histórico municipal e atualmente abriga o terceiro anexo do Museu da Inconfidência/IBRAM onde funcionam a biblioteca, o setor educativo, o setor de documentação e pesquisa, o setor musicológico e o setor administrativo. Todas essas informações serão melhores detalhadas no decorrer desse trabalho acadêmico.

A escolha da casa foi determinada por uma série de motivos, sendo os principais: a data em que foi construída, a diferença na função que exerceu ao longo do tempo e as alterações ocorridas para adequar-se a essa nova função, características importantes neste trabalho, pois assim poderemos trabalhar com dados comparativos do uso da edificação, traçando linhas que nos levem a identificar porque as modificações ocorreram e suas conseqüências: a qualidade de vida dos usuários e a qualidade da própria construção. Para isso, procuramos desenvolver um trabalho baseado no estudo e conhecimento (entrevistas, levantamento de dados e fotográficos) da casa em questão, aprendendo sobre sua história, sua distribuição interna, e os materiais utilizados na edificação, e claro, conhecer a ligação da casa com seu público alvo<sup>1</sup>, agentes que de alguma forma contribuíram para as transformações.

Para isso o texto busca na história a influência portuguesa na formação das casas mineiras dos séculos XVIII e XIX, junto, as modificações ocorridas após a chegada da corte no Brasil em 1808, abordando a divisão interna, tecnologia e materiais usados nas edificações.

Em primeira instância procuramos conceituar a evolução da casa no Brasil e, conseqüentemente comentar a evolução do espaço de morar, sendo assim, foi necessário conhecer as transformações da família brasileira. Mais adiante veremos que, intramuros principalmente, a casa mineira é o palco permanente das atividades condicionadas à cultura de seus usuários.

Segundo Lemos (1989), as atuações domésticas ligadas aos hábitos e práticas de uma sociedade estão condicionadas às condições oferecidas pela construção, pois o que caracteriza uma casa de um determinado povo, região ou classe social, é o conjunto de critérios que regem a distribuição de diferentes atividades dentro de um mesmo espaço.

A casa deve ser compreendida como um todo, como unidade, cuja função abrigo tem prioridade e o resto dela irá decorrer. A moradia é um pouco de

---

<sup>1</sup> Público alvo: Nesse contexto se refere aos moradores, funcionário e pesquisadores que pela casa passaram

tudo, é o reduto da família, seu próprio espelho, espaço que define as características do ocupante e até mesmo a sociedade da qual pertence.

A função básica de uma casa é a chamada **função abrigo**. A casa tem que ser entendida como um invólucro seletivo e corretivo das manifestações climáticas, enquanto oferece as mais variadas possibilidades de projeto [...] Intramuros, a casa é o palco permanente das atividades condicionadas à cultura de seus usuários” (LEMOS, 1989, p.9, grifo nosso)

No decorrer do estudo, optamos pela divisão da residência nos tradicionais setores: social, íntimo e serviços, apresentando uma análise particular de cada um. Cabe ressaltar que, para efeito de organização de idéias, associou-se cada setor a seu aposento principal – social/sala; íntimo/quarto-banheiro; serviço/cozinha. Porém, quando espaços coadjuvantes apresentam influência relevante, são estes também investigados.

Na maioria das vezes a casa é um local de diferentes atividades e descanso, a mesma deve ser passível de modificações planejadas ao longo do tempo, a fim de atender a diferentes necessidades e funções. Com base nessa idéia, abordaremos no estudo de caso temas como qualidade de vida, um fato importante que leva pessoas a modificar o espaço em que vivem a fim de atender suas necessidades físicas, de saúde, de higiene, segurança, novos usos e até mesmo status social, ou seja, uma série de alterações que possam transformar o ambiente de moradia em um lugar confortável para se habitar.

Claro que o estudo não se encerra nesta monografia, porém teremos um prévio conhecimento para entender a linguagem da arquitetura residencial das épocas citadas, as mudanças do ambiente habitacional interno, as diferentes atividades desenvolvidas no mesmo espaço e até mesmo interpretar e opinar sobre frases como a de Debret (1956. p. 200) que diz “as casas absolutamente idênticas, tanto internas como externamente, diferem apenas pelo número de janelas” ou aquele velho ditado “sinta-se em casa” e tantas outras questões que irão nos ajudar a interpretar nossa própria casa, como ela evoluiu, entender o que levou e como foram realizadas as transformações no ambiente que habitamos.

## 2 As moradias mineiras – séculos XVIII e XIX

### 2.1 Influências portuguesas no Brasil

No final dos anos de 1650, a casa no Brasil começou a estabelecer sua forma definitiva. Vários fatores ocorreram para a formação dessa moradia, como o clima, flora, relevo, geografia em geral e claro os elementos do colonizador português. Falar sobre a história da casa brasileira fatalmente nos leva às raízes da cultura lusitana.

“...um povo com uma capacidade única de perpetuar-se em outros povos, dissolvendo-se neles a ponto de parecer ir perder-se nos sangues e nas culturas estranhas, mas ao mesmo tempo comunicando-lhes tanto seus motivos essenciais de vida e tantas de suas maneiras de ser que, passados século, os traços portugueses se conservam na face dos homens e na fisionomia das casas, dos moveis, dos jardins, das embarcações, das formas de bolo”. (Freyre, 1937, p.41 citado por BITTAR; VERISSIMO, 1999, p. 17)

Bittar e Veríssimo (1999) acreditam que o português foi um importante coordenador, orientador e homogenizador dessa moradia, colocando em prática os aprendizados de outros povos: com o índio ele aprende que cozinhar nos trópicos é uma tarefa a ser feita do lado de fora, numa varanda ou num puxado ao lado de fora; já para o escoamento das águas pluviais ele copia da experiência aprendida no Oriente, trazendo dessas regiões as inflexões dos telhados e dos beirais alongados; de Portugal as paredes caiadas e os portais coloridos muito comuns em Alentejo e Algarve (regiões de Portugal). Só o negro escravo não contribuiu na definição da casa nacional, embora tenha sido figura indispensável ao seu funcionamento.

Todos esses novos conhecimentos, hábitos e modelos foram reinterpretados e adaptados as novas condições que o Brasil oferecia.

Dos elementos que entraram neste amálgama, fundidos e refinados pelo tempo, ficaram construções esparsas no pequeno solo portugalense, formando um cenário perene, para testemunho de fatos e ensinamentos. (RODRIGUES, 1945, p. 287)

Na opinião de autores consagrados, constata-se que as moradias brasileiras apresentam poucas variações tipológicas, desde as primeiras construções erguidas no período colonial, que vai do descobrimento no século XVI até início do século XIX. Realidade esta interpretada como uma mesmice a partir do relato de Vauthier<sup>2</sup> a um amigo de “quem viu uma casa brasileira, viu quase todas”. (1975, p.31)

Mesmo sendo apenas sobre parte do território brasileiro, a observação desse engenheiro e arquiteto francês para sustentar o argumento de que as casas no Brasil são todas iguais, mais precisamente, o trecho que vai do Cabo de São Roque, no litoral norte do Rio Grande do Norte, até o Rio de Janeiro, por considerar este “o verdadeiro Brasil moderno, o que tem leis e costumes, o que marcha ativamente na senda da civilização” (VAUTHIER, 1975, p.28), a unidade da arquitetura doméstica brasileira é consenso entre diversos pesquisadores.

Em nosso território a casa se manteve durante séculos numa certa uniformidade arquitetônica - devido talvez a pesada colonização - uma casa com traços sutis e comuns sem intenções para o moderno, porém não podemos deixar destacar que casa portuguesa no Brasil possui particularidades na construção, feita com materiais e recursos disponíveis em cada região, desenvolvendo os “modos de fazer”.

Para Rodrigues (1945), devido a esse forte padrão de uniformidade da casa no Brasil, o país não teve uma distinção de modelos por regiões – como outros países - ou seja, constata-se que as moradias brasileiras apresentam poucas variações tipológicas, desde as primeiras construções erguidas no período colonial, que vai do descobrimento no século XVI até início do século XIX.

---

<sup>2</sup> Vauthier, Louis Léger – engenheiro e arquiteto francês, formado pela Escola Politécnica de Paris, que viveu no Brasil na cidade de Recife, Pernambuco, entre 1840 e 1846. Vauthier registrou sua experiência no Brasil em um diário, publicado pelo SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atualmente IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 1940, o qual nunca foi publicado na França. Na sua língua natal, Vauthier teve publicado quatro cartas remetidas a pedidos para o arquiteto Cesar Daly, diretor da *Reuve Générale de L'architecture et des Travaux Publics*, revista técnica de público reduzido, as quais eram intituladas *Casas de Residência no Brasil*. Tais cartas, quase tão inéditas quanto seu diário, foram traduzidas por Vera de Melo Franco de Andrade e publicadas pelo SPHAN em 1943, com introdução e notas de Gilberto Freyre (LACÉ, 2005, p.2)

o estudo das casas antigas no Brasil) pelas características permanentes dessa casa, principalmente pela unidade do seu aspecto em todo o território e pela imutabilidade, através do tempo, dos princípios que prescindiram à sua construção, fenômeno esse comparável pela semelhança (tendo em vista a extensão territorial) ao da língua e ao da religião. [...] manteve, a casa, o seu caráter, a sua fisionomia, enquanto não perturbados pela ocorrência de elementos estranhos em certas regiões e a partir de certas épocas; incidente natural e inevitável (RODRIGUES, 1975, p.285).

De acordo com Lemos (1989) em muitos aspectos, Minas Gerais pode ser considerada a Portugal trazida para o trópico, por se encontrar aqui verdadeiras réplicas das casas lusitanas, porém tendo o clima e as condições sócio-econômicas como determinantes das plantas, agenciamentos e partidos arquitetônicos peculiares. Como podemos observar nas FIG. 1 e 2 a semelhança tanto urbanística quanto arquitetônica entre a cidade de Évora - Portugal e Ouro Preto- Brasil.



FIGURA 1- Évora (Portugal)

Fonte: Google Imagens



FIGURA 2 – Ouro Preto (Brasil)

Fonte: Google Imagens

O Brasil foi um grande e importante cenário arquitetônico dominado pela presença portuguesa, Minas foi a região que mais sofreu influências, devido a rapidez de sua ocupação territorial pelos portugueses (exploração do ouro) que não permitiu a proliferação de padrões construtivos brasileiros, especialmente bandeirantes com suas construções em taipa de pilão, que apesar de terem descoberto a região não tiveram tempo nem capacidade numérica de impor sua cultura, apenas nos fins da produção aurífera a presença e inspiração artística e arquitetônica dos próprios nativos de cada região.

Buscando repetir as formas estilísticas de Lisboa, o casario mineiro raramente recebia influências do estilo barroco de suas igrejas. Somente em algumas raras casas é que podemos enxergar sugestões de ornamentação usadas naquele estilo eclesiástico. Como explica Lemos (1989), nas casas mineiras havia certa uniformidade com influências pombalinas nos frontispício, porém essas casas nunca tiveram um claro plano regulador das plantas.

## **2.2 Urbanização colonial**

Entende-se que o método de formação das cidades brasileiras foi um processo totalmente feito à revelia de qualquer planejamento, movido pela inspiração. Segundo Reis Filho (1983), a falta de planejamento e a ocupação desordenada das cidades coloniais portuguesas proporcionava um desenho urbano um tanto quanto desordenado.

Alimentando essa crítica sobre a falta de planejamento da cidade colonial portuguesa, Sergio Buarque de Holanda, em seu livro, *Raízes do Brasil* afirma que:

A cidade que os portugueses construíram na América, não é um produto mental, não chega a contradizer o quadro da natureza e sua silhueta e enlaçada na linha da paisagem. Nenhum rigor, nenhum rigor método, nenhuma previdência, sempre este significado abandono que define a palavra desleixo ( HOLANDA,1998, p.110)

Ainda nessa crítica embasada na falta de planejamento das cidades do Brasil colônia, Bittar e Verissimo (1989), afirmam que as cidades portuguesas eram fruto de uma recriação das cidades medievais portuguesa com suas ruas becos e

tortuosos, gerando uma desqualificação nas cidades portuguesas<sup>3</sup>. Uma linha de pensamento da falta de planejamento deve-se ao fato de que os portugueses se limitavam às “Ordenanças do Reino”, que segundo Brandão (2007, p.3) “cuidava mais da arquitetura e menos da fundação de cidades”

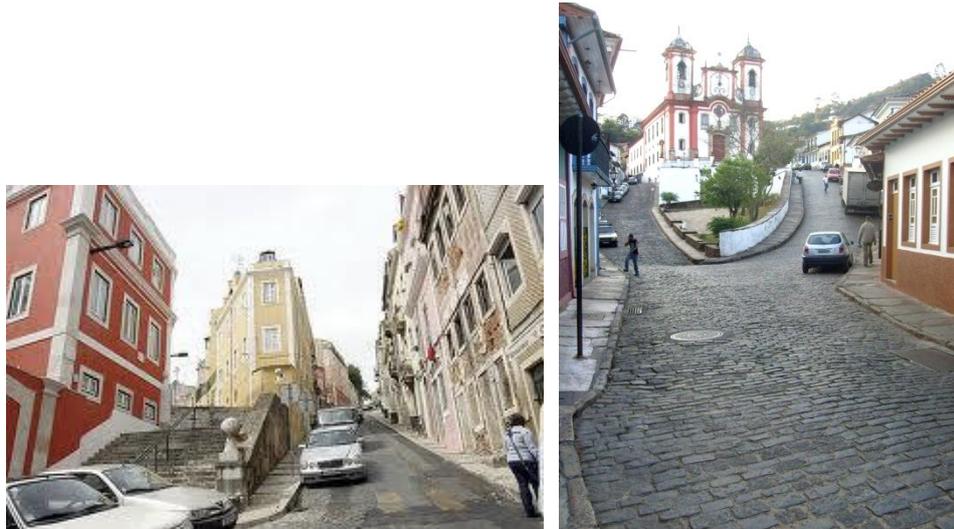


FIGURA 3 e 4 - Cidades de Lisboa (Portugal) e Ouro Preto (Brasil)



FIGURA 5 – Travessa Cônego Camilo Veloso

---

<sup>3</sup> No texto original os autores fazem uma comparação entre a urbanização das cidades espanholas e as cidades portuguesas, por isso o termo “desqualificação”.



FIGURA 6 – Estreita Rua São Francisco – Ouro Preto

A mudança nesse cenário começa a ser traçada com a reforma urbanística proposta por Pombal<sup>4</sup> no século XVIII, uma política de modificações rigorosas para o traçado urbano e arquitetônico das cidades e vilas.

Os arraiais de mineração no Brasil, que proliferam desordenadamente em zonas montanhosas, sem nenhuma preocupação com a regularidade, na segunda metade do século XVIII, também foram atingidos por essa política urbanística proposta por Pombal, na tentativa de melhoria nas condições dos lotes urbanos. Entretanto nem todos puderam ser remodelados, como é o caso de Ouro Preto, que não pode cumprir as determinações da câmara local, de alinhamento das casas e das ruas que desembocassem na praça principal, pois a topografia impossibilitou essas obras.

A ocupação dos lotes das cidades colônias brasileiras, consistia em um modelo de concentração da construção na parte frontal do lote, sem recuo em relação à rua, nem recuo lateral (FIG. 7), deixando grande espaço livre atrás da construção principal, ainda dentro dos limites do lote – os grandes quintais.

---

<sup>4</sup>Pombal: Sebastião José de Carvalho e Melo passou à história conhecido por seu título de nobreza, Marquês de Pombal, sendo um nobre e estadista português, foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (1750-1777), sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas e carismáticas da História Portuguesa.



FIGURA 7 - Casas da Rua São Francisco – Ouro Preto

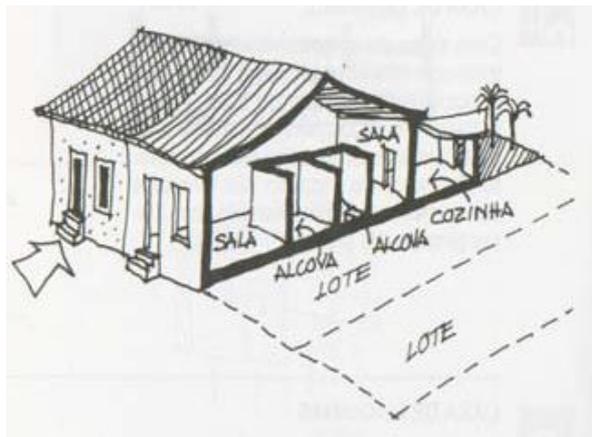


FIGURA 8 - Ocupação das casas no lote.

Fonte: VERISSIMO; BITTAR, 1999, p.42.

A falta de recuos laterais (FIG. 9), em relação aos lotes vizinhos, permitia a proteção das paredes das laterais, pois eram feitas de abode, taipa ou como na maior parte de Ouro Preto pau-a-pique, deviam ser protegidas da água. O telhado em duas águas com avantajados beirais possibilitava auxiliava nessa proteção tanto da fachada frontal quanto da dos fundos.



FIGURA 9 – Conjunto arquitetônico da Praça Tiradentes.

Com este princípio, a ênfase era muito maior sobre o tamanho da fachada de acesso a rua do que o tamanho do final do terreno. Conclusão, a malha urbana era constituída por lotes bastante estreitos e profundos, com geometria irregular.

“As quadras nas cidades brasileiras dividiam-se em um grande número de habitações independentes. Seja por tradição da mãe-pátria, seja por necessidade de construção local, essas habitações são estreitas e longas” (Vauthier, 1975, p. 33)

Como esclarece Lemos (1989, p.43), “a arquitetura mineira sempre teve a característica: de respeitar o perfil natural do terreno, ao contrário dos paulistas que sempre artificializava o sítio de implantação de suas casas fazendo terraplenos.”

No século XVIII a cidade de Vila Rica, antiga Ouro Preto, visando um controle maior sobre as construções delega aos almocatóes<sup>5</sup> a vistoria do cumprimento das Ordenações do Reino – o que se podia fazer ou não fazer nas construções – formando assim um código de Obras na época. Como cita Vasconcellos no trecho a seguir:

...conhecerão das demandas que se fizerem sobre o fazer, ou não fazer de paredes de casas, de quintais, janelas, frestas e eirados, ou tomar, ou não tomar de águas de casas, ou sobre meter traves, ou qualquer outra madeira nas paredes, ou sobre esterco, e imundices, ou águas que se lançam, como não devem, e sobre canos, enxurros, sobre fazer de calçadas e ruas. aos almotacés pertence também embargar, a requerimento da parte, qualquer obra de edifício, que se fizer dentro da Vila...(Ordenações e Leis do reino de Portugal, 1747, citado por VASCONCELLOS,1956, p. 131)

É importante lembrar que a Câmaras possuíam autonomia para criação de sua própria legislação, complementando a do Reino, podiam estabelecer

---

<sup>5</sup> Almocatés: Eram a força armada sob as normas das Ordenações do Reino. No Brasil colônia os portugueses aqui chegaram com as instituições municipais nos moldes do direito lusitano, composto por um alcaide, juizes ordinários, vereadores, almotacés e os homens bons

aforamento<sup>6</sup> prévio dos terrenos para construções e licenças para as mesmas. Tais resoluções e fiscalizações eram seriamente notificadas com pena de multa, como é o caso de Francisco de Sousa morador de Vila Rica em 1745, que teve a seguinte notificação “em termo de três dias com pena de prisão e de trinta oitavas tape uma porta que tem para um beco em uma venda” (VASCONCELLOS, 1956, p.134)

No século XVIII os terrenos de conformação de Vila Rica eram irregulares e raramente configurados em quadra. De acordo com Vasconcellos (1956, p.153), “para corrigir a acidentada topografia dos lotes de Vila Rica, era necessário antes da construção se fazer sucessivas “prateleiras” por meio de cortes, aterros com muros de pedra” (FIG.10). Levando em conta essas dificuldades do terreno, a desobediência da população e a relativa distância da metrópole, ocorreu um relativo descaso das normas vigentes pelos habitantes da Vila, geralmente as moradias eram construídas conforme a vontade de seu dono.



FIGURA 10 - Quintais das casas da Rua Getúlio Vargas – Ouro Preto

Contudo, em 1795 os vereadores da Câmara de Vila Rica promulgam uma nova solução para as construções da região.

Conceder a pessoa alguma licença para reedificar ou edificar casas, ou outro qualquer edifício, sem que primeiro apresente em requerimento o prospecto, com que a “quer edificar, declarando a rua ou o lugar que tudo deverá ser examinado, pelo Procurador da mesma Câmara, para em consequência da resposta, se delirar, se se deve ou não conhecer a licença” (VASCONCELLOS, 1956, p.138)

---

<sup>6</sup> Aforamento: Contrato pelo qual o proprietário transfere o domínio útil de um imóvel a outra pessoa, ficando esta obrigada a pagar-lhe anualmente o foro; emprazamento, enfiteuse.

Muitas vezes as moradias do século XVIII eram erguidas em lotes disponíveis, não seguia a preferência de orientação ou posição. Entretanto as ruas de Vila Rica são traçadas no sentido leste-oeste com fachadas para o norte ou para o sul. Como já foi citado as residências urbanas seguiam a imposição das Ordenações do Reino reduzindo os espaços disponíveis, como recuos laterais, tangenciando as ruas e as laterais.



FIGURA 11 - Sobrados da Rua São Francisco - OP.

### 2.3 Casas Mineiras do século XVIII

A casa popular do período colonial teve praticamente a mesma planta pelo Brasil, entretanto as técnicas construtivas foram diversificadas. Construções geminadas e levantadas em terrenos estreitos e profundo, com isso todas as moradias possuíam cômodos em fila - um atrás do outro.

Algumas casas coloniais podiam ter mais de uma função como: fortaleza, capela, escola, oficina, santa casa, e hospedaria, ou seja, além de residências as edificações poderiam conciliar outras funções, como exemplo: uma sala dentro da casa reservada para dar aula. Estas casas definiam-se claramente as relações com o mundo exterior, cozinhas enormes, vastas salas de jantar, numerosos quartos de hóspedes, capelas, camarinha no centro para reclusão das moças solteiras.

Os cômodos da frente, com janelas no alinhamento da rua, quase sempre era a sala de recepção, isso quando não abrigava oficina ou loja. Os cômodos intermediários acessíveis por corredor lateral, eram os dormitórios (chamados de camarinhas, alcovas ou casas de dormir), e nos fundos a cozinha. Varandas alpendradas que davam acesso ao quintal onde podia se encontrar um arremedo de instalação sanitária – lugares onde o lençol freático era profundo havia a possibilidade de “sumidouros” buracos onde em cima era instalada a “casinha” “secreta” ou “sentina”.

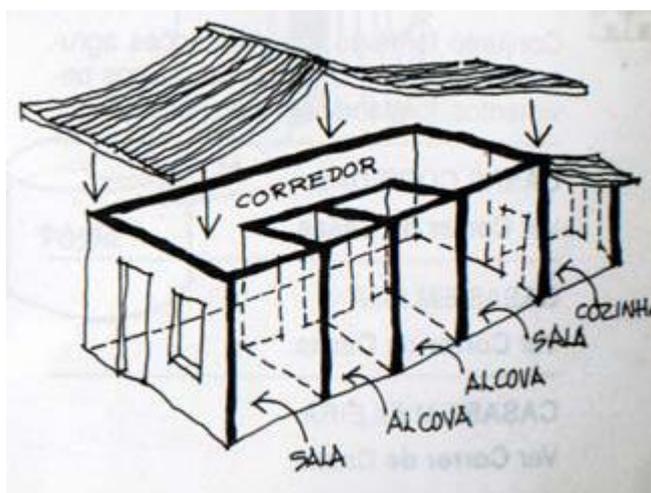


FIGURA 12 - Desenho esquemático da casa colonial.

Fonte: VERISSIMO; BITTAR, 1999, p.35.

As moradias podiam ser de porta e janela, mas também de duas janelas ou mais de acordo com a situação do proprietário. Quando as fachadas eram maiores o corredor de acesso a sala dos fundos dividia as alcovas em blocos simétricos.

As janelas residenciais eram providas somente de tábuas, os chamados “escuros<sup>7</sup>” (FIG. 13), e muitas vezes muxarabis<sup>8</sup>, treliças (FIG. 14 e 15) e rotulas que eram sempre fechadas nas horas de chuva ou vento, a qualquer hora do dia. Os cômodos ficavam escurecidos, pouco iluminados pelas velas e candeeiros. As pessoas acordavam com sol e iam dormir quando ele se punha, nada mais se fazia depois das 18h.



FIGURA 13 - Rua Conceição – Ouro Preto

---

<sup>7</sup> Escuros: janelas compostas antes por tabuas, quando fechadas impossibilitavam a entrada de claridade

<sup>8</sup> Muxarabis: balcão mourisco protegido em toda a altura da janela, por grade de madeira (treliças) de onde se pode ver sem ser visto. (AVILA, et al., 1996, p.64)



FIGURA 14 e 15 – Sobrado de Diamantina (MG)

Como o estudo proposto busca focar e conhecer a dinâmica e função das casas da região de Minas Gerais e principalmente em Ouro Preto, não podíamos deixar de estudar respectivamente três modelos de moradias que ganham destaque no século XVIII na região da antiga Vila Rica, sendo elas: as casas construídas nos morros, casas térreas e sobrados, construções estas muito bem descritas por Sylvio de Vasconcelos em 1956.

No começo as construções nos morros se apresentam em um cômodo único e retangular de 15m<sup>2</sup>, a casa era aberta para o exterior por porta e janela na fachada principal, sem indício de varanda frontal.

Com a evolução dos programas de necessidade e até mesmo financeira, as casas passam ser compostas por quatro cômodos: sala, cozinha e dois cômodos, sendo que a sala tem comunicação direta com os outros cômodos. Segundo Vasconcellos (1956), em tais casas não se encontram alcovas, devido imposição das plantas.

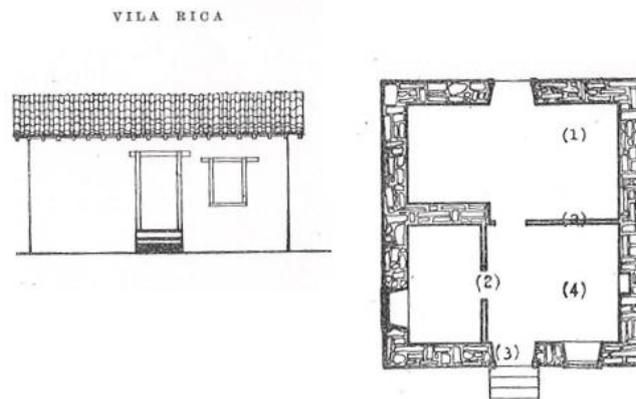


FIGURA 16- Planta de uma edificação construída no morro

Fonte: VASCONCELLOS, 1956, p. 191

As casas térreas de Vila Rica dividem-se internamente em quatro cômodos com formato de cruz com dois cômodos menores na longitudinal de um lado e dois maiores do outro. Pode-se dizer que tais casas se organizavam em profundidade e alas paralelas, tendo o corredor como peça fundamental que em geral ocupavam toda largura do terreno. O corredor constitui a dinâmica da planta sendo sua espinha dorsal, na maioria das vezes tal cômodo era tratado com certa rusticidade com piso de terra batida ou ladrilho cerâmico, tendo diferentes e importantes funções, como elo entre os cômodos da casa e a via pública, abrigo de animais, ante-sala e passagem de serviço. Segundo Vasconcellos (1956, p.198), “o corredor é quase um beco particular que supre a falta de área livre nas laterais”.



FIGURA 17 - Seqüência de seis casas geminadas – Rua Conceição, Ouro Preto

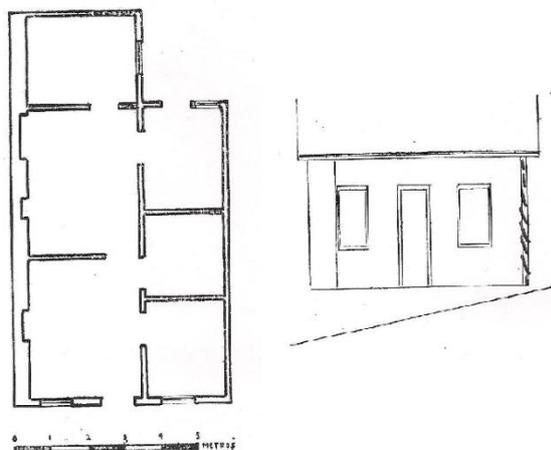


FIGURA 18 – Planta e fachada de casa térrea.

Fonte: VASCONCELLOS, 1956, p. 196

Em geral as dimensões dos cômodos eram pequenas, como descreve Vasconcellos (1956, p.201), “os corredores medem de 1,00m a 1,30m de largura, as salas oscilam em torno de 12m<sup>2</sup> e os dormitórios raramente ultrapassavam de 10m<sup>2</sup> equilibrando-se com as salas e cômodos de serviço.”

A divisão interna dessas casas era simples e característica, a frente encontrava-se a sala, no meio os dormitórios, formados ou não em alcovas, nos fundos a área de serviços e as varandas, como explica Vasconcellos essas varandas posteriormente se transformaram em avarandados ou sala de jantar, mas ainda hoje podem ser designadas como varandas. Também é comum os dormitórios abrirem-se direta e exclusivamente para as salas, pois na maioria das vezes não dispunham de abertura para o exterior sendo que suas portas voltadas para salas são mais largas, favorecendo as condições de ventilação e iluminação.

A maioria dessas casas térreas aproveitando o declive do lote apresentava porões na parte de trás, tendo a função de depósitos, cocheiras, senzalas ou cozinhas. O porão se divide da casa por meio de paredes que são indispensáveis à estruturação da construção (pavimento superior), escadas toscas são responsáveis pelo acesso a esses cômodos. Com terrenos em aclives, eram construídos porões com pés-direitos maiores, melhor acabamento e abertos para

rua, nesses funcionavam lojas ou vendas. Muitas vezes o porão era uma opção para preencher o desnível do terreno inclinado.

A opção pelo sobrado em Vila Rica – (1989) espaço sobrado ou ganho devido a um soalho suspenso, ou seja, o sobrado tanto podia estar acima desse piso como embaixo dele - deve-se não só a melhor utilização do terreno como também pelo caráter de maior importância social.



FIGURA 19 – Sobrados geminados

Segundo Reis Filho (1983, p.28), umas das principais diferenças da casa térrea para o sobrado estava no tipo de piso: “assoalhado no sobrado e de chão batido na casa térrea”. Reis Filho (1983), como vários outros autores ainda argumenta que habitar um sobrado significava riqueza e casa térrea caracterizava pobreza.



FIGURA 20 – Sobrado da Rua Dr. Alfredo Baeta,  
Ouro Preto

Os sobrados, edificações com progressiva ocupação dos lotes, na maioria das vezes eram estreitos nas testadas e longos em profundidade, obedientes ao lote e as ordenações expressas nas cartas régias. Principalmente no aspecto sensorial, na apreensão do espaço urbano, gerando atmosfera mais receptiva “doméstica”: edificações semelhantes, paredes caiadas, esquadrias em cores vivas. Conforme Bittar e Veríssimo (1999, p.47) o sobrado “mantém sua fachada e elevação de acordo com as prescrições que tornam as cidades brasileiras similares às de Portugal”



FIGURA 21 – Fachada (estreita) dos fundos das casas -  
Largo do Rosário, Ouro Preto

O primeiro andar dos sobrados em Vila Rica geralmente abrigava lojas, depósitos ou senzalas, o segundo piso é adequado para moradias e pouco se diferem das casas descritas anteriormente. Apresentam suas plantas quadradas e de quatro cômodos, alterando-se apenas o corredor (FIG. 23) que passa de uma fachada lateral para outra, o que irá impossibilitar o acesso direto à rua e aos quintais. Um patamar do lado oposto a esse corredor liga um dos dormitórios à sala, e dele a escada que leva ao terceiro pavimento - sótão ou mirante.

Quando o corredor é central, no rés-do-chão, no segundo piso torna-se lateral ou ainda se duplica, quando a distribuição da planta o exige. Em habitações modestas, o citado corredor reduz-se a simples patamar de chegada... (Vasconcellos, 1956, p. 212)

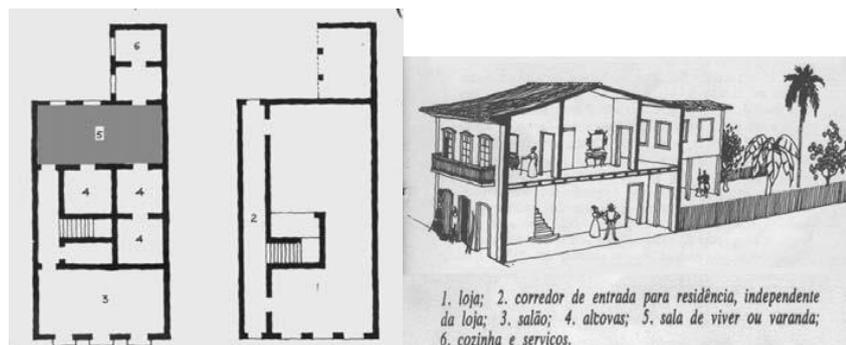


FIGURA 22 - Esquema de sobrado colonial com sacada na frente.

Fonte: VERISSIMO; BITTAR, 1999, p.29

Vasconcellos (1956), esclarece que, a escada que leva ao segundo andar é sempre transversal (FIG. 23) e com pisos e espelhos que medem aproximadamente um palmo.



FIGURA 23 – Corredor de entrada -  
Diamantina - MG



FIGURA 24 – Corredor principal – Rua  
Antonio de Albuquerque, Ouro Preto

A disposição das salas é quase sempre a mesma, localizada na parte central, podendo ser mais larga devido à incorporação do corredor e ainda como nas casas térreas os quartos estão localizados na frente.

O terceiro andar nas edificações de Vila Rica, segundo Vasconcellos (1956, p. 213 e 215), “é raro e constituem apenas no aproveitamento de desvãos<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Desvãos: Espaço entre o telhado e o forro ou por baixo das escadas. (AVILA et al., 1996, p.37)

das coberturas composto por lanternins<sup>10</sup>, água-furtada<sup>11</sup> ou clarabóia<sup>12</sup>...”. Localizavam-se na parte central da casa sob a cumeeira<sup>13</sup>, nunca alcançando as fachadas (FIG. 25 e 26).



FIGURA 24 e 25 – Vista do Largo do Rosário

Uma novidade invade os sobrados de século XVIII, as sacadas e balcões que integram a fachada principal. As varandas geralmente são encontradas nas laterais ou nos fundos, apoiadas em simples pilares ou esteios sobre o primeiro pavimento ou por acive dos terrenos térreos, porém poucas dessas varandas foram conservadas, sendo a maioria fechadas por paredes vazadas em grande número de janelas.

<sup>10</sup> Lanternins: Os Lanternins são aberturas, dispostas na cobertura de edificações, para propiciarem ventilação e iluminação naturais dos ambientes.

<sup>11</sup> Água-furtada: SOTÃO, TRAPEIRA ou MANSARDA. Abertura na cobertura. Cômodo entre o TELHADO e o FORRO, dotado de janelas sobre o telhado. (AVILA et al., 1996, p.18)

<sup>12</sup> Clarabóia: abertura em cima de uma construção destinada à iluminação. (AVILA et al., 1996, p.32)

<sup>13</sup> Cumeeira: Diz-se da parte mais alta dos telhados, onde têm início as AGUAS, ou da peça estrutural que a forma. (AVILA et al., 1996, p.34)

A tradição mineira, esclarecendo a sinonímia desses termos, entende por “varanda” a peça aberta apoiada cuja cobertura se faz em prolongamento da principal da casa, em contraposição aos alpendres que se cobrem por telhado próprio, em geral com tacaniça ou copiar que também dá nome à peça. “Balcão” são as peças abertas em balanço que, quando diminutos, chamam-se também “sacadas”. “Terraços” são as peças descobertas. Por varandas são ainda designadas as balaustradas, sejam de parapeitos, de bandeiras, de platibandas, etc. (VASCONCELLOS, 1956, p. 215)



FIGURA 27 – Casa com varanda lateral balaustrada



FIGURA 28 – Sacadas com treliças do sobrado localizado a Rua do Pilar – Ouro Preto



FIGURA 29 – Sacadas em treliças do sobrado localizado a Rua São Francisco

Para Bittar e Verrissimo (1999), a organização patriarcal será o principal condutor para a distribuição dos espaços internos da casa do século XVIII, atendendo à separação da família em relação ao meio externo, ficando indivíduo estranho afastado dela. Receber, estar, lazer e trabalhar em espaços diferenciados, tendo circulações posicionadas de forma que facilite o controle e a distribuição das funções mais complexas sociais e técnicas.

Lemos (1989), afirma que, o zoneamento dessas casas (sobrados) ou parcialmente assobradas, seguiam mais ou menos as demais construções brasileiras, sistema este que proporcionava grande dependência entre as zonas da casa:

- Sala de receber na frente
- Alcovas na zona central da construção
- Estar familiar e serviços nos fundos
- A posição da escada de acesso ao sobrado é que variava, com certo predomínio nas casas requintadas, da solução que favorecia um saguão térreo diretamente ligado à rua

Quanto a mobília interna dessas casas, como relata Vasconcellos (1956), eram raros os interiores enriquecidos por decorações peculiares, porém a quem considere o contrario, “as casas das classes abastadas em Vila Rica estejam bem melhor arranjadas e mobiliadas do que as que vi no Rio de Janeiro e em São Paulo e, na maioria, conservam uma ordem perfeita” (Mawe, 1944, p.195 citado por VASCONCELLOS, 1956, p.226).

O número de mobiliário desse período sempre foi relativamente pequeno, argumenta Vasconcellos que esse número não era exceção em Vila Rica, mas todas as casas da colônia apresentavam um mobiliário escasso. Somente na segunda metade do século XVIII aumentam-se o mobiliário interno das casas de Vila Rica.

As casas de Henrique Lopes, um dos mais ricos proprietários de Vila Rica, só tinham por ocasião de seu inventário, uma delas, 18 cadeiras de encosto, sem braço... um leito de jacarandá torneado...um bofete” e outra “10 tamboretas... 2 bofete... um espelho pequeno... uma mesa redonda em que se janta...outro bofete ordinário... mais 3 grandes com encosto que servem na sala ... e uma mesa de cozinha” (VASCONCELLOS, 1956, p . 244)

Nessa mesma linha de mobiliário não poderíamos deixar de citar, uma característica marcante das casas de Vila Rica do século XVIII, as “conversadeiras” – bancos de alvenaria no largo do vão das janelas rasgadas por dentro, completam os assentos domésticos facilitando o descanso e conversa dos moradores.

## **2.4 Casas Mineiras do século XIX**

As influências do século XIX no Brasil só começaram a aparecer em 1808 com a chegada da corte no Brasil, como argumenta Lemos (1989), entende-se que o século XIX começa em 1808 e termina em 1914 com a 1º Guerra Mundial.

A corte portuguesa chega ao Brasil trazendo varias novidades decorrentes da Revolução Industrial, dentre elas manifestações na arquitetura através de novas técnicas e novos materiais – exemplo, o vidro - É importante ressaltar que o Rio de Janeiro foi o centro irradiador, onde todas as alterações e inovação urbanística e arquitetônica aconteceram – principalmente arquitetura

higienizante domiciliar - devido a estadia da coroa. Já nas cidades do interior pela falta de acesso e os altos preços no transporte de tais inovações, ficaram ainda um bom tempo vivendo sob a luz do século XVIII, por isso nosso estudo nas casas deste século em Minas Gerais deverá ser considerado na metade do século XIX.

Evidentemente o dinheiro foi a condição necessária a esses empreendimentos renovatórios, o que impediu uma rápida e uniforme obediência às determinações reais, que desejavam estender a todo o país a nova estética urbana. Muitas cidades do interior negaram-se mesmo a substituir suas rótulas e treliças de balcões, alegando justamente falta de numerário. Aos poucos, no entanto, as mudanças foram surgindo, deixando para trás as soluções pombalinas aclimadas segundo critérios regionais. (LEMOS, 1989, p. 46)

Em Ouro Preto as características peculiares ao século XIX, principalmente em sua primeira metade, não determinaram de fato maiores modificações na fisionomia das cidades e casas, surgindo uma ou outra construção mais formal, no máximo elementos mais decorativos, caixilhos<sup>14</sup> caprichosos, esquadrias de venezianas, portões de ferro ou modilhões<sup>15</sup> sob as sacadas. Contudo os conjuntos residenciais se mantiveram fieis à tradição luso-brasileira.



FIGURA 30 e 31 – Uso de ferro nos portões e nas sacadas, portas e janelas com vidraças

A escuridão citada no século XVIII deu espaço aos modernos lampiões de mecha circular e as folhas envidraçadas (FIG. 31) fixadas do lado de fora das

<sup>14</sup> Caixilhos: Obra de carpintaria, serralheria etc., que serve para sustentar e guarnecer vidros, ALMOFADAS de madeira, etc. Este quadro de madeira ou metal estruturam geralmente superfícies de vidro. (AVILA et al., 1996, p.29)

<sup>15</sup> Modilhões: Ornato das ordens coríntia e compósita, que forma um S com volutas desiguais e sustenta o teto das cornijas por onde as águas escorrem formando a extremidade da aspa da cumeeira. (AVILA et al., 1996, p.49)

aduelas<sup>16</sup>, compostas por bandeiras móveis. Essa luz noturna mudou os hábitos caseiros, os horários, proporcionando a chamada tertúlia<sup>17</sup>, quando todos os membros da família permaneciam à volta da mesa, a refeição terminada, conversando, jogando, lendo, costurando, mudando o programa de necessidades. Com a luz a família ganha ares de civilidade abrindo as portas para visitas da sala de jantar, varandas e jantares.

A higiene corporal também evoluiu. Os ricos passaram a possuir “casas de banho” balneários providos de tanques como se fossem pequenas piscinas, com água corrente (bica) ou água aquecida em caldeira acoplada em cima do fogão a lenha (serpentina).

Os dormitórios agora estão providos de bacias e jarras (FIG. 35). Os soalhos passam a ser encerados e as paredes forradas de cortinas e reposteiros grandes de ferro forjado ou fundido nos balcões. Fachadas iluminadas à noite por meio de lanternas penduradas em graciosos suportes. Inovação nas cores das tintas, como sugere Vasconcellos (1956, p.303), “começam os coloridos a enfeitar os paramentos externos, preferindo tons claros, ocres, azuis e rosa que com aplicação do óleo, se tornam vermelhos...”



FIGURA 32 e 33 – Uso de cores vivas nos vãos das casas

O que poucos anos era caríssimo ou proibido como o vidro transparente para janelas, por exemplo, tornou-se vulgar. Anteriormente a essa popularização das vidraças, podemos dizer que vivíamos às escuras (LEMOS, 1989, p. 44).

<sup>16</sup> Aduela: pedra talhada que compõe os ARCOS ou ABÓBADAS. Peças de sentido vertical dos quadros de portas e janelas que recebem as FOLHAS. (AVILA et al., 1996, p. 18)

<sup>17</sup> Tertúlia: reuniões de amigos, familiares ou simplesmente freqüentadores de um local



FIGURA 34 – Vidraças e ferro nas fachadas

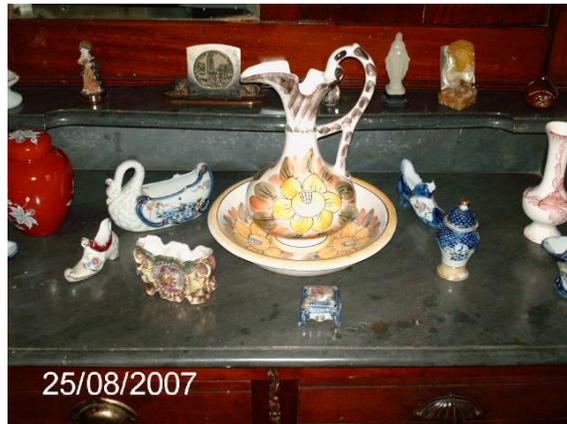


FIGURA 35 – Diamantina, MG

É um período marcado pela introdução da ornamentação e parafernália (FIG. 36 e 37) para uso na casa como: ferro de passar roupa, vasos de flores, cerâmica, talheres e muitos objetos decorativos que foram invadindo o Brasil pouco a pouco.



FIGURA 36 e 37 – Móveis e enfeites usados no século XIX – Diamantina, MG

Os antigos despojados e vazios interiores da casa brasileira tornaram-se repletos de quinquilharias próprias de uma nova qualificação social. As diferenças agora não são mais quantitativas e sim qualitativas. Como relata Lemos (1989, p.46) “Alguém mesmo chegou a dizer que naquele tempo trocou-se o útil pelo fútil”.

Outra novidade que podemos citar foi a implantação de novos critérios para circulação dentro de casa trazidas por arquitetos eruditos do ecletismo. Segundo Lemos (1989), essa inovação (que teve início nas casas de famílias ricas) garantia maior independência entre as zonas da casa: as áreas de estar da casa deveriam ser organizadas e distribuídas de tal maneira que se pudesse ir de uma delas à outra sem que fosse necessário atravessar a terceira. Tal novidade vez aparecer uma nova dependência na casa, o vestíbulo ou mais conhecido como saguão, distribuidor de passos. Através dele ia-se direto aos quartos sem atravessar a sala ou outras dependências, surgindo também uma comunicação direta entre a sala de jantar e a cozinha.

Apesar de todas essas inovações na moradia e até mesmo no próprio programa de necessidades, tais questões ainda continuaram a ser definidas por dois grupos, aqueles que mantinham vigentes os antigos critérios da distribuição e circulação das casas coloniais – geralmente pessoas que não tinham poder aquisitivo alto ou moravam longe do Rio – e aqueles que se sobressaiam socialmente adotando os métodos europeus baseados no isolamento de cada uma das zonas de habitação.

Com as mudanças do século XIX, o uso de alcovas fica para trás, os quartos ganham janelas e a planta das casas se modifica. A partir de então, sua disposição interna passa a adotar o seguinte programa:

- Duas salas na frente
- Quartos nos fundos,
- Um dos quais se unia a um puxado utilizado como cozinha,
- Acrescida ainda de um pequeno compartimento, integrado ou não ao corpo principal, usado como banheiro.

### **3 Espaço interno das moradias**

Casa-grande, casa térrea, sobrado ou casa no morro, enfim, várias são as formas de morar citadas nesse estudo, porém todas guardam interrelações semelhantes, mesmo com o passar do tempo, deixando claro que a sociedade brasileira tem uma face. Esta pode ser compreendida com clareza se percorremos os corredores de nossas residências e observamos que a família é o seu principal fator gerador de mudanças, é ela que irá definir o que é bom e o que deve ser mudado no ambiente habitacional, sendo importante citar que tais mudanças evoluem com tempo e principalmente com a condição financeira.

Nesse momento iremos adentrar no interior da casa e conhecer melhor sua divisão interna entendendo as funções e evoluções de um século para o outro, cômodos que muitas vezes apenas a família tinha acesso. Antes de começar o estudo, é importante lembrar que o papel da mulher na sociedade vai influenciar diretamente na evolução da casa. Para Bittar e Veríssimo (1999) a mulher é responsável direta pelas modificações no espaço de morar, quando essa mostra para a sociedade, irá mostrar também o espaço em que habita.

### 3.1 Setor social – Setor de receber

Como vimos nos textos acima o ato da recepção e a visita começam a ser mais frequentes no século XIX, porém a casa continua sendo um espaço muito reservado aos integrantes da família, principalmente a mulher que passa boa parte enclausurada se escondendo. “O interior das casas, reservado às mulheres, é um santuário em que o estranho nunca penetra”. Damatta (1991, p.57, citado por SILVA, 2004, p. 69).

Entraremos no espaço do habitar como uma visita e encontraremos, esperando para nos receber, setor social em ordem, limpo, com as coisas em seu devido lugar, como se ali não existisse o calor da vida... (VERISSIMO; BITTAR, 1999, p.57)

Desde os primeiros exemplares de moradia no Brasil no século XVI, este setor é tratado com rigoroso ritual formal, sendo a área que faz transição entre o exterior e o interior (mundo doméstico). Esse espaço deve estar organizado de forma a ser refletido a posse e a disciplina da família. É por esse motivo que esse espaço é o primeiro cômodo da casa – cômodo de entrada. A sala no período colonial era o espaço destinado a receber estranhos, envolvidos de grande cerimonial (geralmente os encontros davam-se principalmente em domicílios públicos).

Esse setor social foi evoluído com o tempo, da única sala, chegou a duas unidades, o receber e o comer no século XVIII e podemos encontrar salas de espera, de jantar, escritórios, salas de musicas e ate mesmo salões de bailes.

No século XIX é possível encontrar casa com três salas contínuas para fins de receber, danças e servir refeições.



FIGURA 38 – Sala de jantar, século XIX – Diamantina, MG

Apesar da evolução ao longo dos séculos a sala não perdeu sua principal característica e função: o receber. Ganha considerável dimensão no século XVIII. Descreve L. Vauthier, (op. cit., p.39 citado por VERISSIMO; BITTAR, 1999, p. 59) “... lá encontramos o melhor mobiliários da casa, os utensílios mais aparatosos, sendo o único espaço doméstico onde se habita visitantes”.

Entremos em uma dessas casas. É fácil. A porta da rua esta aberta. No vestibulo, por onde se entra, encontra-se um negro velho, trançando um chapéu de palha. Queremos falar ao dono da casa. Ele no conduz a uma escada reta, iluminada pelo alto, e nos precede. Em cima, a escada é fechada por uma porta vazada. O negro toca a sineta. Uma figura de mulher negra ou fortemente bronzada em breve aparece entre as grades. Depois de algumas palavras trocadas com o introdutor, ela vai ver se o senhor esta em casa. Passos de crianças atravessam o corredor, ouve-se o farfalhar de uma vestido de mulher e , depois de uma espera mais ou menos longa, a porta se abre, enfim. Conduzem-nos à sala da frente, onde o dono da casa nos espera com todo o cerimonial. Vauthier (1980, p.63 citado por BITTAR; VERISSIMO, 1999, p. 59).

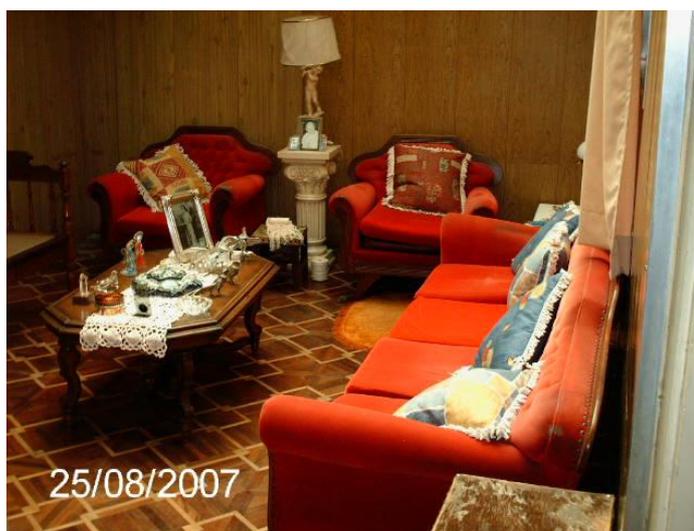


FIGURA 39 – Sala de estar, século XIX – Diamantina, MG

O oratório era o elemento comum entre a maioria das salas coloniais (acabamento dependia das posses). Janelas sacadas, quase sempre guarnecidas de rótulas e muxarabis, permitiam a ventilação e vista para o exterior, sempre mantendo a privacidade.

Na segunda metade do século XIX ocorre uma modificação na relação desse cômodo. A sala principal, antes fechada abre-se para o espaço externo

através de amplas e arejadas janelas, articulando-se com o alpendre-corredor lateral que permite comunicação direta com o jardim.

### **3.2 Setor íntimo**

Universo velado, repleto de símbolos e tabus raramente revelados a visitantes.

O quarto não apresenta mudança significativa nos três primeiros séculos da colonização tendo a função de repouso, sono, convívio ou sexo.

Bittar e Verissimo (1999) acreditam que, a planta da casa tradicional patriarcal sempre foi muito rigorosa entalando a alcova dentro da casa, confirmando a idéia do isolamento e privativo do íntimo.

Na cidade a exigência do lote permitia apenas abertura nas extremidades, em salas ou cozinhas. Em lotes mais generosos podemos encontrar janelas nesses aposentos, porém voltadas para pátios internos, referendando a idéia de privacidade.

A posição que o setor íntimo ocupava na casa, poderia ser influenciada pelos longos sonos ou repouso dos donos da casa. Como relata Bittar e Verissimo (1999, p. 89) "a alcova é o local onde ele se sente a vontade para desempenhar tais tarefas".

Para Vasconcellos (1956, p. 228), "os dormitórios obrigatoriamente ficam no meio da casa, confinados ainda pelos cômodos vizinhos..." É exatamente nesses casos que aparecem as alcovas, fruto da impossibilidade material das janelas. A alcova era um cômodo de grande privacidade por isso não variava muito em seu tamanho ou tipologia de acordo com o proprietário.

Essa alcova geralmente é um aposento de forma quadrangular, dotado de porta voltada ocasionalmente pela circulação principal, sem janelas, enquanto, o quarto, ainda sombrio, apresenta janelas guarnecidas por rotulas e escuro. Normalmente sem forro as telhas-vãs da cobertura da alcova permitem aeração satisfatória. Sombria, permite um relaxamento completo e sono profundo. Sua disposição na planta perpendicular a circulação, indica distribuição associada ao corredor que é a espinha da casa. Raramente apresenta grandes dimensões, restringindo-se as necessidades aos repousos e à oração com escasso e tosco mobiliário (cama, aparador e uma cadeira nos cantos) (BITTAR; VERISSIMO, 1999, p. 90)

A partir do principio do século XIX, com a imposição e a popularização do vidro em guilhotinas encaixilhadas<sup>18</sup>, o escuro, que é uma vedação, será mantido, porém as janelas “rasgam” as paredes, transformando alcovas em quartos.

Não é raro ainda no século XIX, a perpetuação de um hábito ancestral, a utilização de quartos separados, independentes, mesmo para o casal.

Ainda no século XIX surge um espaço destinado à higiene, evolução que varia da quase inexistência, sempre associado ao “sujo”, muitas vezes símbolo de status de seu dono.

As primeiras habitações praticamente não apresentam esse espaço no seu interior e muito raramente existiam espaços parecidos em quintais e exteriores.

As necessidades eram feitas nos próprios quintais, “no matinho”, urinól e outros recipientes carregados pelos “tigres”<sup>19</sup>. Também o hábito do banho não é freqüente, sendo comum encontrar criticas ao seu uso.

---

<sup>18</sup> Guilhotina encaixilhada: Tipo de janela onde os caixilhos correm verticalmente. (AVILA et al., 1996, p.50)

<sup>19</sup> Tigres: escravos que carregavam em baldes os dejetos (urina e fezes) das casas para jogarem no mar, rios ou lagos. O transbordamentos iam deixando rastros no corpo do homem que, assim, ficava com listras sinuosas

... Lavar a carne é desgraça  
em toda parte do norte,  
porque diz que dessa sorte  
perde a carne o sal, e graça:  
e se vós por esta traça  
lhe tirais ao passarete  
o sal, a graça, e o cheirete,  
um pouco a duvida topa.  
Se me quereis dar a sopa,  
daí-me com todo o sainete.  
...As damas que mais lavadas  
costumam trazer as peças,  
e disso se prezam essas  
são damas mais deslavadas...  
...De que serve pois andar  
lavando antes que mo deis?  
lavai-vos, quando sujeis,  
e porque vos fiquei o ensaio,  
depois de foder lavai-o  
mas antes não o laveis.  
Mattos ( p.285-286, citado por VERISSIMO; BITTAR, 1999, p. 99).

Durante muito tempo o aposento destinado a este fim não existe, sendo adaptado em quartos e alcovas através de tinas e jarros. O quartinho, casinha, latrina ou privada, ficavam localizadas nos fundos dos quintais, sobre fossas fétidas sem água corrente, gerando mau cheiro e moscas.

A ausência de material adequado, como tubulação, peças de ferro esmaltado ou louças que só entrariam no mercado nacional no século XIX, após a abertura dos portos manufaturados europeus, justifica, também, o desleixo destinado ao setor de higiene na habitação. (BITTAR; VERISSIMO, 1999, p.101)

Tais hábitos se alteram no século XIX, com influência de novos materiais e a valorização da vida social que já requer maior preocupação com o corpo.

Bittar e Verissimo (1999) esclarecem que, o banheiro não aparece abruptamente nem sequer é aceito de imediato. Apenas aperfeiçoa-se diante do modelo colonial e começa a ser utilizado nas residências dos nobres, o que não impede que muito ainda usassem o quintal.

### **3.3 Setor de serviços**

Um dos mais importantes setores da casa brasileira onde frequentemente encontra-se uma surperposição de funções nos diversos compartimentos: cozinha, copa, alojamento de empregados e o quintal ou área de serviços.

De acordo com Bittar e Verissimo (1999, p.107), “é nesse setor que os hábitos sociais se relevam com mais clareza.”

É interessante observar que na obra de Bittar e Verissimo (1999), os autores abordam sempre que no século XVIII é quase nula a participação da mulher branca na casa, nem nos serviços domésticos, pois era tudo feito pelos escravos. Já no século XIX a mulher começa a definir melhor seu espaço na casa e nos afazeres domésticos, o que irá ajudar muito no desenvolvimento interno da moradia.

No período colonial vamos encontrar a cozinha como real setor de serviços, uma verdadeira indústria de alimentos, freqüentado pela imensa família patriarcal, visitantes agregados, empregados e até mesmo, contingente escravo. Grande espaço, que, em alguns casos pode ocupar mais de um terço da área da casa, repleto de utensílios de vários tamanhos e aplicações.

A cozinha é o setor que vem sofrendo transformações desde sempre antes mesmo do período colonial já havia passado por mudanças.

Tal aposento geralmente implanta-se quase fora do corpo da casa, posteriormente altera a posição nos primeiros tempos de colonização quando localizava-se mais ao centro, próximo à sala, gerando assim problemas causados pelo calor e fumaça do fogão a lenha. Diferente do partido adotado em regiões de clima frio, onde a chaminé coloca-se ao centro como elemento irradiador do calor. Ouro Preto também apresenta um clima frio, porém seguiu o modelo de chaminés acopladas ao fogão de lenha que ficava nos fundos da casa.

No século XIX, saindo do período colonial, a cozinha não vai apresentar grandes modificações quanto ao seu espaço, mudando apenas os produtos e utensílios.

A copa (antes chamada de sala de viver) agregada à cozinha, encontra-se um espaço às vezes alpendrado.

É a “sala de viver”, antecessora a copa, local que não tinha contato com a área social, principalmente se na casa existissem hóspedes, uma espécie de claustro, enfim, um espaço vedado a indiscretos olhares estranhos

No século XIX é também local que a família, é apenas ela, se reúne para suas refeições, permitindo-se liberdade doméstica como “arrotar” à mesa e expelir outros gases.

Aos poucos a “sala de viver” colonial desloca-se do setor de serviços, agregando-se à sala principal, separando-se da área de preparo dos alimentos.

Os setores ligados à área de serviços não passaram por muitas inovações no século XIX, sendo que a única mudança visível era que nesse período os ricos importavam louças e indumentárias inglesas.

### **3.4 Área de serviços**

Representada na casa em estudo pelos grandes quintais coloniais urbanos. Os quintais, tanto nos seus aspectos físicos quanto simbólicos, são indiscutivelmente elementos característico do habitat residencial brasileiro. Diversos aspectos de suas configurações, aparências e usos são essenciais para compreensão do funcionamento da moradia e das cidades coloniais.

O quintal é justamente aquele espaço velado, não acessível ao olhar do público, e que, no entanto, constitui uma parcela considerável dos espaços urbanos residenciais. Aos fundos da sede, às vezes delimitado por alas da construção, situa-se um pátio, espaço restrito, em muitas ocasiões com passagem para o pomar.

Os lotes geralmente são estreitos e profundos, onde a casa ocupa cerca de um terço, quase sempre colocada em três divisas, deixando apenas os fundos voltados para os quintais. Lá também se encontrava pequenos pomares e horta, além de galinheiros ou reduzidas senzalas.

Além de farta mão-de-obra, não falta espaço para as atividades de serviços: lavar, passar, engomar, executadas ao ar livre ou em compartimentos juntos ou afastados da habitação.

Outra característica dessa área é sua localização topográfica em relação aos cursos d'água, como explica Luís Octavio da Silva em seu trabalho:

Diretamente ligado às funções sanitárias dos quintais e ao aspecto espontâneo e flexível do urbanismo colonial português, muito frequentemente, o sistema viário desenhava-se ao longo dos divisores de água, fazendo com que os limites de fundos dos lotes feito pelos cursos d'água. (2004, p.68)

## 4 Tecnologia e materiais

Como descreve Vasconcellos (1956), as divisões internas das casas de Ouro Preto do século XVIII e meados do XIX, são muitas vezes de pau-a-pique, também chamados de taipa de sebe, sopapo ou pescoção, feitos com paus roliços colocados perpendiculares entre os baldrames<sup>20</sup> e os frechais<sup>21</sup>, (FIG. 40 e 41), normalmente a estes eram adicionados ripas e varas na horizontal amarradas por cipó ou tiras de couro (mais tarde pregos), preenchidos com barro bem amassado. Mesmo quando as paredes externas são de alvenaria de pedra as internas tendem a ser de pau-a-pique.

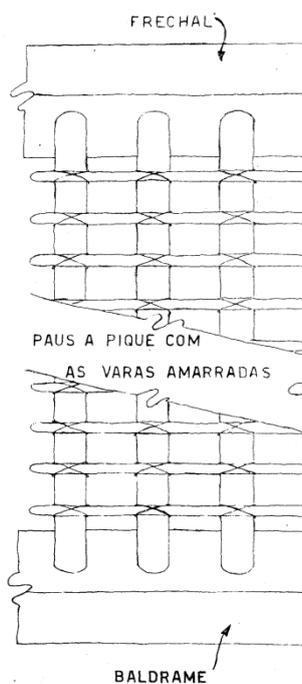


FIGURA 40 – Conjuntos de paus-a-pique

Fonte: VASCONCELLOS,1959,p 29

<sup>20</sup> Baldrames: nome dado ao embasamento de alvenaria, cantaria ou ensilharia. Localizado entre o alicerce e o nascimento das paredes, encontrado no caso de pavimento elevado do solo. (AVILA et al., 1996, p 42)

<sup>21</sup> Frechais: Viga que arremata o topo das paredes, servindo de apoio aos caibros e ao vigamento do telhado. (AVILA et al., 1996, p.45 )



FIGURA 41 – Varas e terra da no pau-a-pique

Fonte: Google Imagens

Segundo Vasconcellos (1958), o pau-a-pique é por excelência, o sistema indicado para as vedações, por sua leveza, pouca espessura, economia e rapidez de construção.

A terra quando utilizada para fins de menor responsabilidade como assentamento de alvenaria ou o próprio chão de terra batida, dispensava maiores cuidados, porém quando usada no preenchimento do pau-a-pique e no revestimento deveria ter composição que proporcionasse uma boa resistência e durabilidade, contendo certa quantidade de areia e aglutinante, gerando uma menor possibilidade de desintegração, como rachaduras e fendas. A fim de obter uma boa homogeneidade a massa era bem misturada e muitas vezes para alcançar a consistência desejada era acrescentado à massa esterco de curral ou diferentes palhas.

A areia ou saibro aludido não é, porém, de boa qualidade, necessitando ser amaciada com terra, antes de se lhe juntar a cal e a água necessária. O maior defeito que lhe atribuem consiste na persistência com que seus grãos entram em decomposição, desagregando, assim, as argamassas de que participam (VASCONCELLOS, 1956 p. 173).

O tijolo de adobe<sup>22</sup>, muito comum na região foi usado também em vedações. Tijolo feito de barro com dimensões aproximadas de 20 x 20 x 40 cm, compactados manualmente, postos para secar à sombra durante certo número de

---

<sup>22</sup> Adobe: Grande tijolo de barro seco ao sol. Na confecção, ao barro bem amassado às vezes eram adicionadas palha, crina, para aumentar a resistência (AVILA et al., 1996, p.18)

dias e depois ao sol. O barro deve conter dosagem correta de argila e areia, para não ficar nem muito quebradiço, nem demasiadamente plástico. Para melhorar sua resistência, podia-se acrescentar fibras vegetais ou estrume de boi.

As construções de adobe devem ser executadas na maioria das vezes sobre fundações de pedra comum, cerca de 60 cm acima do solo, para evitar o contato com a umidade (infiltração), que degradaria o adobe. Da mesma forma é importante a construção de coberturas com beirais a fim de proteger as paredes das águas de chuva.

O terreno de Ouro Preto é composto por várias formações rochosas como granito, calcário, gneiss, itabirito e a canga. No que diz respeito à arquitetura, as rochas mais usadas nas cantarias<sup>23</sup> são os quartzitos em blocos ou formações extratificados.

Em seguida, viriam os quartzitos ser amplamente empregados em Vila Rica, sobretudo nas partes nobres das construções. A cantaria em quartzito Itacolomi, aparente, com acabamento refinado e união das peças feita por encaixes ou argamassa foi introduzida na arquitetura local para as obras do Palácio dos Governadores pelo engenheiro militar português José Fernandes Pinto de Alpoim entre os anos de 1735 e 1738. (VILLELA, 2010, p.2)

A canga, rocha “composta por ferro micáceo (e fragmentos de itabirito) reunidos por um cimento ocre, vermelho, amarelo ou escuro” (1956, p.160), foi usada nas construções de pedra argamassada (argamassa de barro) ou seca - pedra sobre pedra, sem uso de argamassa, geralmente são de grande espessura em relação a sua altura - Na fase inicial os blocos avulsos de canga foram usados para alvenarias e muros divisórios (FIG. 42), e mais tarde foram empregadas em paredes estruturais. Estas alvenarias, depois de erguidas, eram revestidas de cal e areia e quando entalhadas, apresentavam acabamento rústico devido à granulação grossa da rocha. Outra rocha também aproveitada nas construções, geralmente em elementos de acabamentos e decorações, é o esteatito<sup>24</sup>, conhecida como pedrasabão – talcosa e maciça – tal rocha é encontrada com frequência na região, como explica Vasconcellos (1956, p. 160), “as pedras talcosas, compactas, mais ou menos

---

<sup>23</sup> Cantaria: Cantaria é a pedra que, tendo sido afeiçoada manualmente, com o uso de ferramentas adequadas, apresenta-se pronta para ser utilizada em construções e equipamentos. Atua ora como elemento estrutural, ora como ornamentação e, muitas vezes, atende às duas funções.

<sup>24</sup> Esteatito: Rocha metamórfica composta essencialmente por talco ao qual podem se agregar magnesita e quartzo

homogêneas, oferecendo boa resistência aos esforços a que são submetidas (pilares, vergas, cunhais, etc) e macias de trabalhar”.

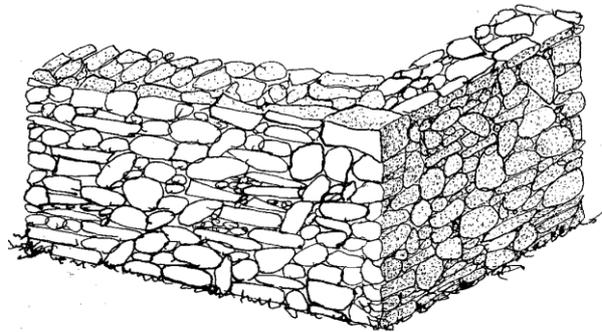


FIGURA 42 - Muro feito de canga

Fonte: VASCONCELLOS, 1958, p.13.



FIGURA 43 - Parede de canga

Em geral o uso das pedras nas construções é difundido desde os primeiros séculos, variando a técnica de aplicação de acordo com as argamassas que são assentadas:

- Pedra seca – dispensa a argamassa. Esta técnica é mais utilizada para muros exteriores.
- Pedra e barro – assentam-se as pedras em argamassa de terra, trabalhadas, oferecem melhor acabamento, além de serem

- Empregadas nas paredes estruturais, compõem os pilares e as arcadas.
- Pedra e cal – argamassa de terra e areia

Como explica Vasconcellos (1958, p.13), “as pedras são ainda utilizadas em blocos aparelhados para elementos de estrutura ou acabamento das construções”. O lancil<sup>25</sup> usados para ombreiras<sup>26</sup>, vergas<sup>27</sup> e peitoris<sup>28</sup> e a cantaria, empregada nas escadas, cunhais, embasamentos<sup>29</sup> e cimalthas<sup>30</sup>.

O revestimento das paredes era feito geralmente de barro, completado ou não por reboco de cal e areia.

A cal por sua vez, não era um material fabricado em Vila Rica, por não existirem na época formações calcárias favoráveis. Pela dificuldade de obtenção, aplicava-se primeiro o barro passando a cal apenas no reboco final – caiação.

Segundo Vasconcellos (1956, p. 174), “a cal branca vem, pois de longe, recomendando-se sempre que seja da melhor do país, como rezam os documentos. Na falta dela, podem as paredes ser caiadas de tabatinga, conforme as especificações de 1728 para as obras...”

As coberturas das construções podiam variar de telhados em meia-água<sup>31</sup>, duas-águas com cumeeira entalada entre as duas empenas, ou ainda três ou quatro águas com tacaniça<sup>32</sup> ou copiar. Ainda compondo as coberturas, as telhas de cerâmicas, também chamadas telhas coloniais, desempenhavam o papel de proteger as paredes das águas, podendo ser colocadas em bicas, só em capas ou mesmo de capa e bica.

---

<sup>25</sup> Lancil : laje de cantaria comprida e delgada, para pavimentação (AVILA et al., 1996, p.59)

<sup>26</sup> Ombreiras: Cada umas das peças verticais das portas e janelas que sustentam as padieiras ou vergas. (AVILA et al., 1996, p.67)

<sup>27</sup> Vergas: Peça de madeira ou cantaria que se apoia nas ombreiras , em portas, janelas, etc., para sustentar a parede do vão. (AVILA et al., 1996, p.95)

<sup>28</sup> Peitoris: Superfície horizontal, para apoio, na parte inferior de uma janela. (AVILA et al., 1996, p.72)

<sup>29</sup> Embasamento: Parte inferior de um edifício destinada à sua sustentação. (AVILA et al., 1996, p.39)

<sup>30</sup> Cimalthas: Arremate superior da parede que faz a concordância entre esta e o plano do forro ou do beiral. (AVILA et al., 1996, p.31)

<sup>31</sup> água: nome dado ao plano de telhado. (AVILA et al., 1996, p.18)

<sup>32</sup> Tacaniça: Plano de telhado de superfície triangular. (AVILA et al., 1996, p.87)



FIGURA 44 - Panorama dos telhados das casas do Bairro Antônio Dias, Ouro Preto

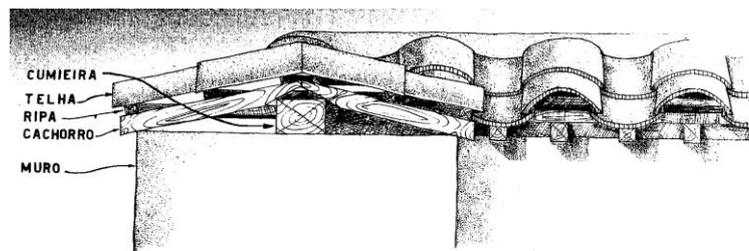


FIGURA 45 - Modelo de Cobertura

Fonte: VASCONCELLOS, 1958, p.25

Inicialmente as telhas eram moldadas artesanalmente por escravos, que de acordo com relatos, usavam suas coxas como molde, o que dá idéia de suas dimensões e forma. Eram naturalmente muito irregulares, o que gerou uma expressão popular “*feitas nas coxas*” para designar pejorativamente as telhas feitas desta maneira quando comparadas às telhas mais sofisticadamente industrializadas. Por extensão, a expressão passou a designar qualquer coisa mal feita ou irregular. Mais tarde já no século XIX surgem as telhas francesas. O processo de moldagem e cozimento davam a estas telhas forma e coloração que segundo Colin (2010) são muito características, responsáveis pela aparência inconfundível das edificações coloniais (FIG. 46).



FIGURA 46 - Telhas coloniais

Como o solo de Ouro Preto é composto em grande parte por rochas, dificultava a formação e crescimento de mata, fornecedoras de madeiras, ocasionando muitas vezes a importação de madeira de outras regiões, “até as madeiras vêm de distancia grande com muito custo e despesa” (1956, p.163). As espécies mais encontradas na região eram canela preta, bráuna e candeia, madeiras menos valiosas.

Deve se levar em conta que no sistema construtivo da região não se torna necessária a utilização intensa de madeira de muito boa qualidade, aproveitando assim o material disponível na região.

As vedações aproveitam-se de paus roliços varas de qualquer espécie. Convém frisar ainda **que a maioria destas estruturas em Vila Rica firma-se sobre alicerces de alvenaria de pedra**, não mergulhando seus apoios – os esteios – no solo, em virtude, talvez, de não resistirem bem à umidade do terreno. (VASCONCELLOS, 1956, p.164, grifo nosso)

Nas construções das paredes estruturais usam-se pilares de alvenaria de pedra, deixando as madeiras (pelas dificuldades apontadas) para divisão internas ou pavimentos elevados, onde o pouco peso aconselhava maior aplicação desse material.

É interessante citar que mesmo com todas as dificuldades citadas acima sobre o fornecimento da madeira, grande parte das edificações de Ouro Preto tiveram o uso da madeira nas portas, janelas, vãos, estrutura do telhado, madres, esteios, tabuado corrido e outros elementos.

Outro material muito importante na construção é o ferro, que teve por um bom tempo sua fabricação dificultada em toda colônia, pois os direitos de

importação geravam grandes lucros. Esse material foi muito usado na região de Vila Rica, principalmente na mineração (como instrumentos e ferramentas de extração do ouro e diamantes) e na arquitetura, compondo fechaduras, dobradiças, ferrolhos e mais tarde as grades das sacadas. De acordo com Vasconcellos (1956, p. 177) “a importação do ferro vinha geralmente do norte da Europa, de Biscaia (província da Espanha) e da Suécia. Mais modernamente, vem o ferro da França ou da Bélgica, fundido ou em laminados, em colunas, vigas e outros. Surgem depois as banheiras de folha, depois de ferro esmaltado, as pias, os vasos sanitários, etc., até que sua fabricação no país dispensasse o suprimento estrangeiro.”

...se bem tivesse sua fabricação dificultada em toda a colônia, pelos lucros que traziam os direitos de importação, a falta de técnicas capazes e o temor de arrasar as matas, não deixou de ser obtido em Minas por processos primários, talvez introduzidos pelos negros que bem ou mal iam aliviando o povo mineiro das dificuldades decorrentes da obrigação de importar do estrangeiro toda a ferramenta necessária à mineração do ouro e dos diamantes. (VASCONCELLOS, 1956, p. 175)

Na mesma linha de idéia ressaltamos que muitos dos materiais construtivos eram importados principalmente no século XIX a partir de 1808 com a chegada da corte no Brasil, desde as fechaduras inglesas, até os cristais e louças, as pinhas, o chumbo, ouro em folha, as tintas e os vidros, e mais tarde na segunda metade do século XIX as louças sanitárias e os ladrilhos, (FIG. 49 e 50). Dentre todos esses materiais, o que mais teve demanda foi o vidro, pelo conforto que proporcionava, e a impossibilidade de substituição por outro material.

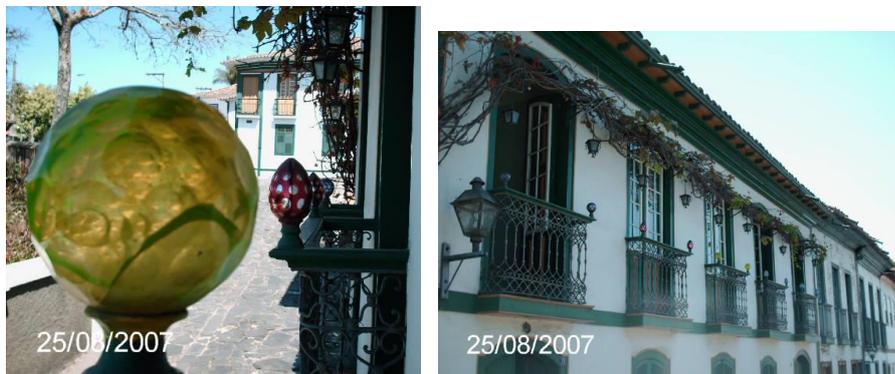


FIGURA 47 e 48 – Pinhas e enfeites nas fachadas.



FIGURA 49 e 50 – Louças sanitárias

## 5 Estudo de caso

O presente estudo de caso será desenvolvido em uma edificação de Ouro Preto, conhecida atualmente como Casa do Pilar, localizada-se à Rua do Pilar, nº 76 – sobrado público do século XVIII. Tal estudo conta com a autorização e a colaboração do diretor Dr. Rui Mourão, funcionários do Museu da Inconfidência e pessoas que conheceram a casa antes de funcionar como órgão público, que além de relatos, cederam documentos importantes para análise das alterações ocorridas na edificação.

Na realização da coleta e investigação de dados serão aplicados métodos descritivos, explicativos e comparativos. Através deste material obtido, espera-se montar um esquema de informações que nos permita interpretar e definir as modificações ocorridas na edificação em estudo. Durante todo processo de estudo usaremos recursos fotográficos, pesquisa in loco e muitas perguntas elaboradas com “**como**” e/ou “**por que**”, estratégias que darão ao investigador certo controle sobre os eventos dentro do contexto da vida real.

É importante entender desde já que uma casa não faz nem evolui sozinha, sendo que essa evolução pode estar diretamente ligada ao seu morador ou condicionada a novos usos e funções, como é o caso da Casa do Pilar, como

veremos adiante, que além da sua primeira função de moradia, chegou a ser república, hospedaria e atualmente acolhe setores de um órgão público.

O principal foco desse trabalho é estudar as novas transformações internas das casas ao longo do tempo, como e o porquê ocorreram, e que tipo de qualidade tais mudanças geraram para a vida do morador.

Segundo Kluthcovsky, Takayanagui (2007), a qualidade de vida, de fato, tem sido mais estudada e ganhado mais importância ultimamente, mas não há consenso sobre sua definição. É claro que existem certas condições básicas, como: ter o que comer, morar, saúde, segurança, bem-estar físico, emocional e mental. Nesta reflexão, vamos abordar algumas questões importantes sobre a qualidade no espaço residencial e no trabalho, geradas pelas alterações internas, embora seja sempre importante lembrar que a qualidade de vida tem algo de subjetivo, ou seja, próprio de pessoa para pessoa ou espaço para espaço.

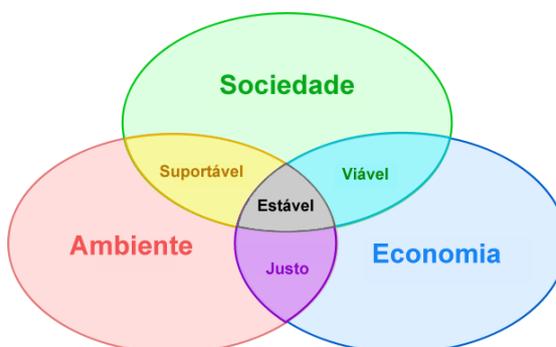


FIGURA 51 - Gráfico dos principais fatores na qualidade de vida

Fonte: Google Imagens, 2010

Ter qualidade de vida está vinculado a muitos aspectos de nossas vidas. Morar bem e de forma agradável está entre estes aspectos com certeza. Ter uma casa que corresponda aos seus anseios e sonhos é também viver em bem estar. No entanto, para que isso aconteça, a primeira coisa a se levar em conta é a organização de nossos espaços.

O conceito qualidade de vida apresenta várias definições, por vezes divergentes, que dependem, dentre outros fatores, da área de interesse das investigações. Apesar disso, é consenso que não inclui apenas fatores relacionados à saúde, como bem-estar físico, funcional, emocional e mental, mas também outros elementos importantes da vida das pessoas como trabalho, família, amigos, e outras circunstâncias do cotidiano, sempre considerando que a percepção pessoal de quem pretende se investigar é primordial (GILL e FEISNTEIN, 1994). A Organização Mundial da Saúde (OMS) sugere que a qualidade de vida reflete a percepção dos indivíduos de que suas necessidades estão sendo satisfeitas ou, ainda, que lhes estão sendo negadas oportunidades de alcançar a felicidade e a auto-realização, com independência de seu estado de saúde físico ou das condições sociais econômicas (OMS, 1998). (PEREIRA et al., 2010, p.1)



FIGURA 52- Fatores que influenciam na qualidade de vida

Fonte: Google Imagens, 2010

Para LACAZ (2000,156) "é inadmissível falar em qualidade do produto sem tocar na qualidade dos ambientes e condições de trabalho, o que seria sobremaneira auxiliado pela democratização das relações sociais nos locais de trabalho".

Como iremos estudar também as alterações ocorridas em um ambiente de trabalho, precisamos conhecer a qualidade de vida gerada nesse espaço, e como é importante para o funcionário certas condições existentes no local:

- Ambiente físico: Local de trabalho em relação às condições de bem estar (conforto) e organização para o desempenho do trabalho

- Ambiente saudável: Local de trabalho e suas condições de segurança e de saúde em relação aos riscos de injúria ou doenças.

o conceito de qualidade de vida no trabalho baseia-se em uma visão ética da condição humana. A ética, como base da QVT procura identificar, eliminar ou minimizar todos os tipos de riscos ocupacionais. Isso envolve desde a segurança do ambiente físico, até o controle do esforço físico e mental requerido para cada atividade, bem como a forma de gerenciar situações de crise, que comprometam a capacidade de manter salários e empregos. (Qualidade de vida no Trabalho)



FIGURA 53 – Prazer no ambiente de trabalho

Fonte: Google Imagens, 2010

Através das diferentes funções exercidas pela casa, buscamos entender as alterações ocorridas no espaço interno, e se a atual configuração do mesmo, satisfaz aos anseios, do público alvo, atualmente o funcionário.

## 5.1 Casa do Pilar

Como já foi dito, a Casa do Pilar é um verdadeiro exemplar de construção colonial remanescente do século XVIII, que exerceu diferentes funções de uso e

para atender a esses novos programas passou por varias alterações internas, porém para iniciar nossos estudos é importante esclarecer que inicialmente (antes de funcionar como órgão público) estudaremos duas casas separadas, pois a casa maior nº14 era separada da casa menor nº16, ou seja, residências diferentes.



FIGURA 54 – Placa do projeto Monumenta, instalada na fachada da Casa do Pilar.

Apesar das casas serem geminadas, as diferença entre elas pode ser notada através da fachada, onde a casa maior possui dois visíveis pavimentos, sendo o segundo formado por seis portas com sacadas, e o primeiro composto por quatro janelas com marcos em cantaria e uma grande e imponente porta de entrada almofada com aldrava de ferro. Já a casa menor é composta por dois pavimentos, sendo que o segundo deste é recuado, por isso não é visível ao nível da rua, a fachada possui apenas três janelas com marcos em madeira e uma porta de entrada com duas bandeiras comum na época. Durante o estudo explicaremos melhor essas diferenças.



FIGURA 55 e 56 - Fachada da casa maior e casa menor, respectivamente

Como não foi encontrado nenhum levantamento escrito ou cartográfico das edificações quando residências, optamos então por um levantamento a base de relatos de pessoas que se lembram dessas casas exercendo a função de moradia. Em primeira instância o trabalho será baseado nas entrevistas de Maria de Lurdes Machado Rasmussem e Wanderley Alexandre da Silva, colaboradores imprescindíveis para desenvolvimento desse estudo.

### 5.1.1 Função Residencial

O texto abaixo se baseia nas entrevistas concedidas por Maria de Lurdes Machado Rasmussem (D. Lurdinha)<sup>33</sup>, moradora da Rua do Pilar nº 67, descendente (neta) de Alice da Costa Silveira e Geraldo da Costa Silveira, que residiram da casa maior na década de 30, e Wanderley Alexandre da Silva (Vândico)<sup>34</sup>, morador da Rua João Batista Fortes nº 39, que quando era criança freqüentava a casa maior.

<sup>33</sup> A autora agradece a colaboração e atenção de D. Lurdinha, que desde o primeiro momento demonstrou boa vontade e interesse em conceder suas lembranças e conhecimentos a este trabalho.

<sup>34</sup> A autora agradece a gentileza e atenção de Vândico, principalmente pelo interesse no resgate da memória da Casa do Pilar e pelo desenho feito para ilustrar este trabalho

De acordo com D. Lurdinha, a casa foi construída para moradia do 1º vigário de Ouro Preto, sendo posteriormente do Barão de Santa Cecília<sup>35</sup> e mais tarde de seu filho Abílio Cerqueira Pereira (também parente de D. Lurdinha).

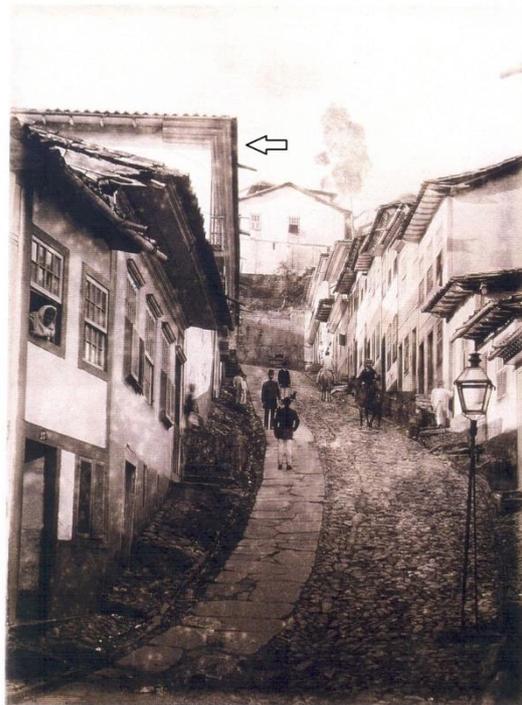


FIGURA 57 – Ladeira do Pilar 1882

Fonte: Itamaraty

D. Lurdinha e Vândico contam detalhes sobre o sobrado e dizem que brincaram muito no pátio da casa. Os dois relatam com certa tristeza e ao mesmo tempo indignação, que a casa mudou muito após a reforma feita pelo IPHAN em 1963, perdendo sua função e particularidade de residência e não restando quase nenhuma das características internas suntuosas que a edificação possuía. Abaixo iremos descrever algumas alterações ocorridas segundo os entrevistados.

Na fachada as sacadas e as janelas do primeiro pavimento eram de treliça e somente as janelas e portas do segundo pavimento possuíam vidro.

A casa possuía uma entrada lateral com um enorme portão com piso em seixo rolado formando um mosaico, uma espécie de corredor para os cavalos e outros meios de condução, que dava acesso aos fundos, onde se localizava um

<sup>35</sup> Francisco Rodrigues Pereira de Queiróz, Barão de Santa Cecília, em 17-VII-1874. Nascido em Minas Gerais (SALVADOR DE MOYA, 194i, p. 343)

tanque em pedra, na época para usado como bebedouro dos animais (ainda existente no local), (FIG. 58).



FIGURA 58 – Tanque localizado no pátio inferior.

Ao entrar na casa, notava-se a elegância e imponência marcada principalmente pela escada central de quartzito com cantaria lavrada e detalhes de palma<sup>36</sup>, que ligava o primeiro ao segundo pavimento (FIG. 59 e 60). Na ala esquerda do primeiro pavimento existia uma grande sala de aula, uma espécie de curso preparatório para a Escola de Minas, ministrado pelo Sr. Geraldo da Costa Silveira (avô de D. Lurdinha), sendo o único cômodo do primeiro andar com piso de tábua corrida, os fundos dessa mesma sala era usado como depósito de carvão e lenha. Já na ala direita havia um grande porão, cujas paredes eram de pedras<sup>37</sup>, esse cômodo além de ficar vazio por causa da intensa umidade, abrigava três grandes pilastras supostamente revestidas de madeira que davam sustentação ao segundo pavimento. A parede interna que dividia o porão do vestíbulo de entrada, era rasgada por vãos arqueados. E aos fundos este pavimento, um ambiente escuro, dava acesso direto ao pátio.

---

<sup>36</sup> De acordo com os entrevistados, no fim dessa escada havia um leão de pedra em cada lado, o que contribuía para a elegância da casa.

<sup>37</sup> A pedra usada na parede do porão era provavelmente a canga, muito usada nas construções de Ouro Preto



FIGURA 59 e 60 – Escada central da casa maior, conservada após a reforma de 1966.

Como descrevem D. Lurdinha e Vândico, o segundo pavimento era verdadeiramente luxuoso, um espaço marcado pela presença e intensa atividade familiar da época. A escada dava acesso a dois cômodos extremos, um lado ligava a ala mais reservada a dos quartos, onde também havia uma alcova que era usada para recuperação e recluso de enfermos e gestantes, já o outro lado da escada dava acesso a uma sala de estar e outra de jantar (cômodos bem grandes), o teto desta era em formato de trapézio e trabalhado em estuque<sup>38</sup> nas laterais, o piso de todos os cômodos do segundo andar era de tábua corrida (largas), e o teto de acordo com Vândico, era forrado com tábua usando a técnica de encaixe saia e camisa<sup>39</sup> pintado a cal. Existiam tantos espaços, que como curiosidade vale citar, segundo Lurdinha, a existência de um cômodo para madurar bananas e outras frutas.

Ainda no segundo pavimento, entre a sala de jantar e o corredor envidraçado, existia uma escada de acesso ao terceiro andar, que abrigava duas salas bem grandes, esse pavimento era na direção e altura do teto da capela no

<sup>38</sup> Estuque: Argamassa feita de gesso ou cal, areia fina ou pó de mármore, revestindo trançado de metal ou treliça de madeira que se usam como paredes secundarias, forros e ornamentos. (AVILA et al., 1996, p.42).

<sup>39</sup> Saia e camisa: Forro composto de tábuas colocadas em ressalto, chamadas saias. As tábuas têm largura geralmente uniforme e este tipo de forro é sempre arrematado aba ou cimalha. (AVILA et al., 1996, p.83)

pátio. De acordo com os relatos dos entrevistados, esse terceiro pavimento se estendia até o teto da capela, ficando parte dele em cima da cozinha. (FIG. 61)



FIGURA 61 - Supostamente o terceiro andar da casa maior

A falta de documentação gráfica e fotográfica dificultou em alguns momentos o entendimento da divisão especial da casa quando residência, principalmente em relação aos cômodos voltados para os fundos, porém com a ajuda de um desenho feito por Vândico (artista plástico), da fachada dos fundos da casa maior, percebemos como realmente a casa foi modificada.

A cozinha ficava localizada na parte de fora da casa, no mesmo patamar da capela, ali também se encontrava um arremedo de banheiro. Atenção para o detalhe da figura abaixo, percebe-se que duas paredes de pedras distintas, a mais grossa supostamente era da cozinha e a mais fina da capela.



FIGURA 62 – Parede supostamente da cozinha

Durante toda a entrevista D. Lurdinha cita muitas vezes o quintal (se estendia possivelmente até a margem do rio), como uma verdadeira obra de arte, o local possuía um jardim espetacular, feito em três pavimentos, com flores e mudas que segundo ela poderiam ser até importadas (costume da época). Nesse mesmo quintal estava localizado um chafariz de quartzito e uma capela, uma espécie de teatro com quatro colunas circulares em cantaria e estilo dórico.



FIGURA 63 e 64 – Chafariz e capela localizada no pátio

Abílio Cerqueira Pereira acabou perdendo a casa numa aposta de jogo. Após esse episódio a casa foi a hasta pública<sup>40</sup> e virou uma espécie de cortiço, sendo ocupada por 3 três famílias diferentes e uma república.

Sobre a “casinha”, maneira como D. Lurdinha se refere a casa menor, diz não ter muitas lembranças sobre sua divisão interna, apesar de sempre lembrar de sua existência. D. Lurdinha tem um concepção muito interessante e até mesmo precedente sobre a função desta casa, segundo ela como casa maior pertenceu ao Barão de Santa Cecília a casa menor poderia ter sido usada para abrigar os empregados do Barão. Essa idéia se torna mais consistente, quando os entrevistados dizem não se lembrar de nenhum muro ou divisão no quintal que separasse uma casa da outra, ou seja, o trânsito era livre de uma residência para outra.

---

<sup>40</sup> Hasta Pública : É a alienação forçada de bens penhorados, realizada pelo poder público, por leiloeiro devidamente habilitado, pelo porteiro ou por um auxiliar da justiça. (GONÇALVES, 2009, p.1)



FIGURA 65 - Foto atual do pátio interno das casas

Não foi encontrado nenhum dado cartográfico ou fotográfico e até mesmo relato oral sobre a espacialidade interna da casa menor, por isso vamos nos ater a algumas suposições e aos limites da casa maior, sendo que as casas eram geminadas.



FIGURA 66 – Rua do Pilar na década de 30. Indicações das duas casas.

Fonte: FONTANA, 1988.

### 5.1.2 Função como Setor Público

Em 1963 o então DPHAN – Departamento do Patrimônio Histórico Artístico Nacional - recebe em doação a Casa do Pilar, constituída por dois imóveis

na Rua do Pilar, nº 14 e 16, do engenheiro-arquiteto mineiro, residente em Belo Horizonte Dr. Roberto Machado de Lacerda e sua esposa. Essa foi a história registrada na escritura de doação das edificações, porém, a verdadeira é que o DPHAN usou Dr. Roberto como representante no leilão das casas, pois na época um órgão público não poderia comprar diretamente um imóvel, este deveria ser desapropriado, portanto o arquiteto compra a casa com o dinheiro do Departamento e oficializa uma escritura de doação do imóvel á União.

A compra foi feita com a finalidade de abrigar o terceiro anexo do Museu da Inconfidência, que nessa época fazia parte do DPHAN atual IPHAN. O departamento compra as edificações e inicia uma reforma que dura três anos de 1963 a 1966, quando o imóvel passa a ser conhecido com a Casa do Pilar.

Na reforma, como mostra as plantas em anexo<sup>41</sup> (fornecida pelo Museu da Inconfidência), foram feitas varias modificações internas para adaptação da nova função de trabalho, pesquisa, arquivo e conservação de documentos antigos e atendimento ao público, e uma dessas alterações são aberturas internas de uma casa para outra.

Tentaremos através dos relatos transcritos acima, em conjunto com a planta da reforma de 1966, traçar um esquema das modificações que ocorreram nas casas para abrigar sua nova função, lembrando que a partir de agora já iremos nos referir a casa como um todo, sem a distinção de casa maior ou menor.

Portanto as edificações se tornam uma só, sendo agora divididas por andares:

- Os panos das fachadas e as divisões internas são pintadas com tinta látex a base d'água, na cor branca, os portais recebem pintura na cor ocre, as bandeiras na cor verde bandeira, o barrado interno na cor marrom e o forro na cor creme, todos com tinta óleo fosca.

### **Pavimento térreo**

- No primeiro pavimento da fachada frontal foram acrescentadas guilhotinas com vidros transparentes nas janelas de madeira.

---

<sup>41</sup> A planta de 1966 foi uma proposta feita para a reforma de casas residências em órgão publico, portanto nem todas as alterações foram realmente feitas

Uso na época: Portaria, Setor Administrativo, Setor Pedagógico, Banheiro e Área de café

#### Mudanças Estruturais:

- A portaria, antes hall de entrada, foi um dos poucos cômodos que conservam o revestimento do piso em quartzito. (FIG.67)



FIGURA 67 – Piso da portaria

- A sala de aula foi adaptada para o funcionamento do Setor Administrativo, sendo abertas mais duas janelas em madeira e guilhotina na fachada lateral e uma porta de madeira (segundo o padrão de todas as portas da casa) nos fundos com acesso ao pátio externo.
- No antigo porão são fechados os vãos arqueados, deixando apenas três portas de madeira, uma com acesso à portaria, outra ao espaço destinado ao café e banheiro, e a última com acesso para o pátio externo. Nas paredes de canga são acrescentados quartzito com argamassa de cimento – nota-se pelo formato mais aparado das pedras - e piso de cimentado rústico.
- Num cômodo existente aos fundos foi instalado um banheiro grande, com box e chuveiro. (ver ANEXO A).
- A escada em quartzito de acesso ao segundo andar foi mantida, porém, os leões de pedra, que ficavam localizados no corrimão, desapareceram após a reforma.

De acordo com o que foi exposto, a reforma não atendeu às necessidades exigidas para um ambiente de trabalho, principalmente o espaço destinado ao Setor Pedagógico, se antes este antigo porão ficava vazio por motivo de umidade, agora após a reforma o mesmo não recebe alterações suficientes, principalmente no aspecto de salubridade, para abrigar atividades de atendimento ao público.

Os acessos aos pátios internos ficaram mal localizados, tendo que passar dentro das salas reservadas aos setores de trabalho (ver ANEXO A), para se chegar aos mesmos.

Em um ambiente destinado ao atendimento ao público e que abriga muitos funcionários como a Casa do Pilar, é de extrema importância a instalação de banheiros que tenham equipamentos úteis e atendam não só as pessoas que trabalham no ambiente, mas também os usuários.

## 2º Andar

- Gradil de ferro nas sacadas do segundo andar<sup>42</sup>.



FIGURA 68 – Sacadas com gradil de ferro

Uso na época: Setor de Documentação e Pesquisa, Biblioteca, Setor Musicológico e Almojarifado.

---

<sup>42</sup> Segundo os entrevistados as sacadas do segundo pavimento eram de treliça e as portas já possuíam vidros.

### Modificações Estruturais:

- A ala antes destinada aos quartos foi transformada em salas (algumas bem grandes) de arquivo e pesquisa.



FIGURA 69 – Setor de Documentação e Pesquisa.

- Já a ala das salas de visita e jantar mantiveram as dimensões originais.
- O piso continua de tábua corrida, porém com tábuas mais estreitas.
- O teto conserva os forros de saia e camisa pintado com tinta óleo, cor creme.
- O estuque que fazia parte do teto em formato de trapézio foi retirado da sala nº 8.
- Na sala nº 8, foi aberta uma porta de ligação ao almoxarifado<sup>43</sup> (ver ANEXO A).
- O referido corredor espelhado não existe mais, foi aberta uma grande sala da qual se acessava um banheiro e outro cômodo para uso da nova função da casa (ver ANEXO A). Nessa mesma sala foram abertas mais seis janelas corridas de madeira e

---

<sup>43</sup> Acessos internos que visam transformar as duas casas em um só.

guilhotinas com vidro, voltadas para os fundos, onde de acordo com Vandico existiam apenas duas janelas (FIG. 70).



FIGURA 70 – Janelas voltadas para os fundos

- Também foi removida a escada de acesso interno ao terceiro andar.
- O cômodo destinado a cozinha foi removido, passando a fazer parte do pátio externo. (FIG. 71)



FIGURA 71 – Supostamente a localização da cozinha

- O almoxarifado passa a ocupar três salas contíguas na antiga casa menor.

- Conserva-se a escada de madeira localizada no vestíbulo (ver ANEXO A) que dá acesso ao terceiro andar. (FIG. 72)



FIGURA 72 – Escada de acesso ao terceiro andar

As alterações ocorridas nas fachadas conseguiram se adequar de tal forma que mantiveram a tipologia da edificação, priorizando a iluminação e ventilação com a instalação de mais janelas, porém as alterações executadas no interior descaracterizaram o estilo arquitetônico original.

Sabemos que muitas vezes a mudança de função da edificação gera novas adequações, porém a preservação de elementos que caracterizam a construção é um importante princípio em toda obra de restauração. Destaque para o estuque do teto, não havia necessidade da retirada do mesmo e se fosse preciso já existiam na época técnicas de restauro em estuque.

### **3º Andar:**

Como não temos informações sobre o interior da casa menor vamos nos ater ao que acreditamos ter sido conservado e aos limites da casa maior.

- Após a reforma, o terceiro andar continuou recuado em relação a vista da rua

Uso na época: Hospedaria

Mudanças Estruturais:

- O terceiro andar da casa maior passa a ser interligado com o segundo andar da casa menor (ver ANEXO A), tornando-se um único pavimento, que constitui o terceiro andar da Casa do Pilar.



FIGURA 73 – Terceiro andar da Casa do Pilar

- Recuo do terceiro andar da casa maior
- Devido as diferenças de funções, o terceiro andar deveria de alguma forma se manter isolado do resto da casa, por isso foi removida a escada de acesso ao segundo andar. O acesso externo a esse pavimento passa a ser feito pela porta principal situada segundo andar (ver ANEXO A) (FIG. 74), ou pelos fundos, saindo do primeiro pavimento e passando pelo pátio externo. (FIG. 75)



FIGURA 74 – Entrada principal do segundo andar com acesso ao terceiro.



FIGURA 75 - Entrada de acesso ao terceiro pavimento pelos fundos

- O andar foi dividido em quartos e um banheiro de uso coletivo (ver ANEXO A).

Mesmo passando por uma reforma para adaptação dos novos usos como setor público, a Casa do Pilar ainda conservava alguma característica residencial, pois o terceiro andar teve seu uso destinado como hospedaria até 1990; o local abrigava os servidores que vinham de outras cidades para trabalhar no Museu da Inconfidência.

A integração de uma casa com a outra acontece principalmente nesse novo espaço, ocorre, portanto uma visível alteração espacial que não preserva os elementos característicos da casa.

### **Pátios Externos:**

Como já foi descrito anteriormente, o quintal era uma verdadeira obra prima, composto pelo chafariz e a capela, elementos que foram mantidos na reforma. O piso foi alterado e todo pátio recebeu revestimento de quartzito e cimento. (FIG. 76)



FIGURA 76 – Piso de quartzito dos pátios externos

Sobre a abertura lateral destinada a entrada de cavalos não se sabe o que realmente aconteceu, apenas que foi construída uma casa residencial no local.

Para divisão do terreno foi usada uma cerca de arame farpado.

#### **5.1.3 Alterações feitas a partir de 1966**

Uma edificação que seja o palco de constantes atividades, independente da função que nela seja desenvolvida, precisa passar por reformas e adequações, seja para conservar o que já existe ou melhorar as condições do ambiente. Com a Casa do Pilar isso não seria diferente, nesses 44 anos a edificação ainda continua em constante processo de adaptação, para atender a função de destino e os próprios usuários.

Iremos estudar as alterações ocorridas de 1966 até a presente data; para tanto usaremos como referência dois levantamentos cartográficos o primeiro datado

de 1966 (fornecido pelo Museu da Inconfidência) e o outro de 2005<sup>44</sup> (fornecido pelo INBISU – Inventário Nacional de Bens Imóveis em Sítio Urbano Tombado/projeto do IPHAN).

Faremos uma identificação dessas alterações, levantando as possíveis melhoras na qualidade de vida dos usuários:

- As cores da pintura usadas na Casa do Pilar continuam as mesmas após a reforma de 1966, porém o pano da fachada do fundos, pintado na cor branca com tinta látex a base d'água, estava em processo de craquelamento. Para resolver esse problema, todo pano dos fundos foi emboçado com areia e cal recebendo uma nova pintura com tinta a base de cal.

### Pavimento térreo

Uso Atual - Portaria, Biblioteca, Setor Pedagógico, Área de café e banheiros.

Indicações no levantamento gráfico das alterações ocorridas:



### Mudança Funcional

<sup>44</sup> Na planta de 2005 existem pequenas incorreções, que somente serão apontadas quando interferirem na análise do desenho.

- Até 1990 o setor administrativo funcionou na sala ao lado esquerdo da portaria, local onde hoje funciona a biblioteca.

#### Mudanças Estruturais:

- Acréscimo de mais um banheiro e mudança na sua disposição (ver ANEXO B), passam a ficar localizados próximos ao Setor Pedagógico conforme indicado no projeto;
- Com a reordenação espacial do banheiro, foi possível fazer uma abertura de uma porta externa, que liga o pátio inferior ao primeiro andar. De acordo com a planta, anteriormente em lugar da porta havia uma janela do banheiro; (FIG. 77)



FIGURA 77 – Porta que liga o pátio externo ao pavimento térreo

- O piso do setor pedagógico- cimentado rústico - foi trocado por tábua corrida e por causa da umidade foi usado o artifício da areia e brita<sup>45</sup>, como drenagem, nas laterais da sala. (FIG. 78)

---

<sup>45</sup> Técnica usada para captar umidade do solo e proporcionar um escoamento adequado.



FIGURA 78 – Brita nas laterais da sala do Setor Pedagógico

- Instalação de um arquivo deslizante na sala nº5 no segundo andar; para tanto foi necessário a colocação de uma estrutura metálica debaixo desse arquivo, uma interferência que funciona como reforço estrutural, os pilares metálicos (ver ANEXO B) de sustentação estão locados na Biblioteca e na área de café;
- Na Biblioteca também foi instalado um arquivo deslizante, porém sua carga de sustentação esta distribuída diretamente na fundação e no solo.

A alteração dos banheiros foi uma boa opção, pois além de ordenar e aproveitar melhor o espaço, foi criada uma nova entrada de circulação e até mesmo ligação externa entre o primeiro andar, pátios e conseqüentemente, o 3º andar, pois agora essa fica sendo a área de circulação e não mais a porta dos fundos do setor pedagógico. (ver ANEXO B).



FIGURA 79 – Banheiros do pavimento térreo.

O setor pedagógico é um espaço destinado às atividades na maioria das vezes com crianças, idosos e portadores de necessidades especiais. Como já foi explicado o setor pedagógico funciona improvisadamente em um antigo porão e, portanto ainda apresenta fatores insalubres como mofo, infiltração e umidade, que afetam os usuários. Contudo, pequenas alterações não serão passíveis de adequar esse ambiente ao uso atual, por isso será necessário um estudo minucioso, que proponha o uso de soluções tecnológicas visando a adequação correta do ambiente como: ventilação cruzada, iluminação e acessibilidade. (FIG. 80 e 81).

Lembrando sempre que tais alterações e adaptações são bem estudadas e elaboradas, a fim de, gerar qualidade ao trabalho desenvolvido e também preservar e respeitar edificação.



FIGURA 80 e 81 – Setor Pedagógico com paredes de pedra



FIGURA 82 - Raiz de uma planta na parede do Setor Pedagógico.

Uma questão importante é o uso de recursos tecnológicos, a fim de se adaptar às alterações e ao mesmo tempo preservar a estrutura da edificação, como é o caso do arquivo deslizante instalado no 2º andar conta com uma resistente estrutura metálica (não aparente) sustentada pelos pilares locados no 1º andar- dois na Biblioteca e dois na área do café (ver ANEXO B) e (FIG. 83 e 84). É importante ressaltar que a alteração causada pela instalação do arquivo deslizante foi adaptada de tal forma que preserva a estrutura da edificação e não causa um impacto visual do ambiente.

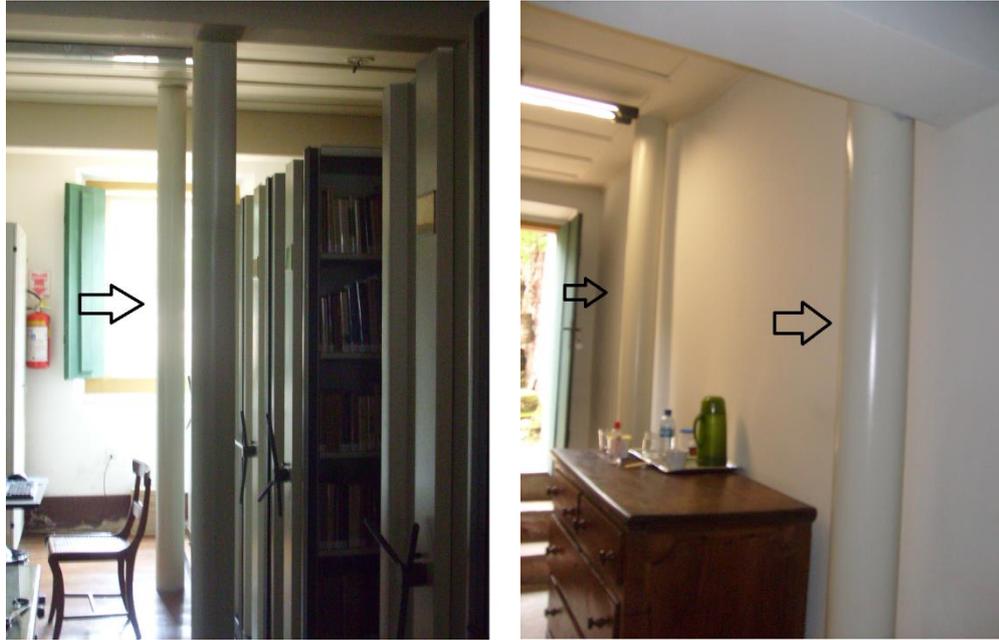


FIGURA 83 e 84 – Pilares de sustentação

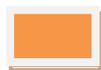
## 2º andar

Uso atual: Setor de Documentação e Pesquisa, Setor de Musicologia e Almojarifado.

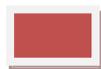
Indicações no levantamento gráfico das alterações ocorridas:



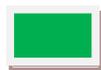
Mudança de uso



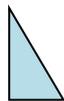
Abertura de porta



Abertura de janelas



Remoção das divisórias



Arquivo deslizante

### Mudança Funcional

- A Biblioteca que antes ocupava sala nº 5 do 2º andar no Setor de Documentação e Pesquisa, passa para o 1º andar, ocupando a sala nº 3 – local onde antes funcionava o setor administrativo.

### Mudanças Estruturais:

- Foi desativado o banheiro localizado no Setor de Documentação e Pesquisa e hoje funciona como sala de conservação;
- No lugar da janela interna existente no cômodo nº 2, foi aberta uma porta;
- Também no cômodo nº 5 havia uma porta de acesso ao pátio, porém devido a infiltração foi colocada no lugar desta uma janela;
- Durante os anos, de acordo com a necessidade dos funcionários, foram instaladas algumas divisórias internas de esquadria metálica, compensado e vidro. Atualmente foram retiradas;
- Instalação do arquivo deslizante na sala nº 4, com estruturas de sustentação no pavimento térreo (FIG. 85).



FIGURA 85 – Arquivo deslizante instalado no 2º andar

Os grandes focos desse andar são: o atendimento ao público e a conservação dos documentos históricos, para tanto é necessário optar por novos

métodos que garantam a qualidade desse processo, como é o caso do arquivo deslizante e a estrutura de reforço metálico que ameniza o peso na estrutura da casa, como já foi descrito anteriormente, uma boa idéia para unir soluções tecnológicas a preservação do imóvel.



FIGURA 86 – Abaixo do arquivo, estrutura metálica revestida com tábua

Outra atitude interessante foi a desativação do banheiro, este funcionava dentro de uma sala reservada de arquivo (acesso apenas dos funcionários) e não possuía nenhuma abertura para circulação de ar. Segundo informações dos funcionários do próprio setor, os banheiros do primeiro andar atendem bem as necessidades, não sendo usual e salubre um banheiro em um ambiente de conservação de documento.

No segundo andar ainda funciona o almoxarifado em três cômodos contínuos, sendo que um é voltado para rua (duas janelas, permanentemente fechadas) e o último dá acesso ao pátio, sendo que a porta e a janela ficam constantemente fechadas; a porta de entrada para esse espaço fica localizada no vestíbulo do segundo andar. A ocorrência de perda dos materiais que ficam armazenados nesse espaço é freqüente, devido a umidade do local, é difícil até mesmo para os próprios funcionários que trabalham nesse setor passar muito tempo no ambiente, pois o cheiro de mofo é muito forte. Tal fato caracteriza uma degradação e desqualificação do ambiente e das condições de trabalho.

### **3º Andar**

Uso atual: Setor Administrativo

Indicações no levantamento gráfico das alterações ocorridas:



### Mudança Funcional

- O terceiro andar funcionou como hospedaria até 1990, quando passou a abrigar o setor administrativo.

### Mudanças Estruturais:

- Instalação de divisórias em dois cômodos internos (FIG. 87).



FIGURAS 87 – Divisórias no setor administrativo

- Acréscimo de um banheiro, como o espaço antigo era muito grande, optou-se por dividi-lo e fazer dois banheiros; um no quarto e outro improvisadamente, dando acesso à cozinha. (FIG. 88 e 89).



FIGURA 88 e 89 – Banheiros



FIGURA 90 – Abertura no teto (tampada) nos banheiros

O espaço destinado ao setor administrativo é totalmente anti-funcional, como já foi demonstrado, esse espaço foi adaptado desde 1990 para abrigar o setor administrativo do Museu da Inconfidência e não oferece estrutura física e espacial, situação precária para desempenho de tal função e principalmente para qualidade de vida e trabalho para os funcionários.

Nos dois banheiros desse andar ainda existem box com chuveiro (utilizado para hospedaria); esses box são usados para guardar materiais de limpeza, ou seja além de não terem uma abertura para circulação de ar, os banheiros ainda funcionam como depósito. (FIG. 91).



FIGURA 91 – Box do banheiro do 3º andar

A atual divisão interna apresenta falhas na ventilação, iluminação, salubridade, segurança contra sinistro e proteção a documentação arquivada, além dos problemas estruturais como fissuras e infiltrações. (FIG. 92)



FIGURA 92 – Fissuras nas paredes estruturais

O funcionamento de uma cozinha (instalações elétricas precárias) em ambiente de arquivos é muito perigoso além dos alimentos que atraem animais.

Encontramos nesse andar espaços desproporcionais, como é o caso de uma sala pequena que possui três janelas e outra sala grande com uma janela apenas, e até mesmo vários espaços sem janelas e alcovas.

De todos os espaços da Casa do Pilar, o terceiro andar é também o que apresenta maiores problemas e péssimas condições para desenvolvimento do trabalho. Os funcionários estão sujeitos a trabalhar com instalações precárias e mal adaptadas.

#### **5.1.4 Projeto de Reforma atual**

Este projeto visa à reforma e readaptação do 3º andar da Casa do Pilar – local onde funciona o setor administrativo, e parte do 2º andar – almoxarifado, essa reforma está prevista para começar no ano de 2011.

A seguir iremos conhecer e comentar as alterações previstas no projeto.

#### **2º Andar – Almoxarifado**

- Será criado um corredor ao lado da escada, que fica hall nº 12, e se estende até os fundos com saída para o pátio interno.
- No fim desse corredor haverá uma cozinha e dois banheiros (metade do espaço da ultima sala do almoxarifado), que terão venezianas (circulação de ar) voltadas para o pátio externo.
- Esse espaço será destinado ao uso dos funcionários principalmente aos que trabalham na administração e almoxarifado, o ambiente contará ainda com pias, bebedouros e lavatórios.
- De acordo com os detalhes o espaço da cozinha e banheiros será pintado de branco e revestidos até o meio da parede com cerâmica branca, bancada em granito, os banheiros ainda terão barra de apoio para portadores de necessidades especiais.
- Para abrir esse corredor será necessário diminuir o espaço antes destinado ao almoxarifado, portanto optou-se por uma divisória

entre os dois últimos cômodos do almoxarifado e a área de circulação.

- Colocação de veneziana na parte superior da parede dos fundos do almoxarifado (ver ANEXO C)

A criação de espaço destinado aos banheiros e cozinha é uma ótima idéia, dessa forma ajuda na preservação do arquivo e elimina o desconforto que a instalação precária causava aos usuários.

Já a divisória a opção pela divisória entre o almoxarifado e a área de circulação foi uma boa aposta, pois em se tratando de restauração e reversibilidade é uma questão importante.

Apesar da instalação de uma veneziana a questão da falta de ventilação e iluminação, descrita anteriormente, no espaço destinado ao almoxarifado, não foi solucionada pela proposta apresentada na reforma.

### **3º Andar – Setor Administrativo**

- Será retirada a parede divisória entre os cômodos nº 4 e 5, formando assim um cômodo maior
- Os dois banheiros existentes serão desativados e as paredes removidas
- Remoção da parede divisória entre os cômodos nº 6 e 7
- Desativação da cozinha
- Substituição das duas janelas contíguas de madeira e guilhotina da sala 9 por uma janela grande também de madeira e guilhotina (ver ANEXO C)

Como já foi dito, o setor administrativo apresenta vários problemas que dificultam não só o desempenho do trabalho como também a qualidade de vida dos trabalhadores, por ser em todos os aspectos um ambiente insalubre.

A retirada dos banheiros e da cozinha desse andar deixará o ambiente maior, mais arejado, iluminado, e principalmente eliminará os dores causados por ambos, uma grande aposta para melhorar o espaço de trabalho.

Até o momento não foi especificado no projeto como serão tratadas as paredes com infiltração e fissuras, o que poderia demandar um projeto a parte.

A remoção das divisórias seria uma opção interessante, pois ajudaria ainda mais ventilação e iluminação deixando o ambiente menos pesado visualmente. Outra alternativa que o projeto não prevê, é a instalação de mais janelas ou até mesmo a colocação de janelas maiores no lugar das já existentes, ou até uma ventilação pelo telhado, desde que a solução não altere a tipologia arquitetônica da edificação e, além disto, esta fachada de fundos parece já ter sofrido várias modificações, pois atualmente de 10 cômodos apenas 3 possuem janelas, dificultando ainda mais a ventilação e iluminação do setor.

## **6 Conclusão**

Empreendemos a difícil tarefa de compreender o fenômeno de HABITAR nos séculos XVIII e XIX, na região das Minas Gerais com foco em Ouro Preto, abordado aqui como ser ocupado pelo homem, considerado agente modificador de seu habitat. Durante todo estudo, abordamos muitas modificações, ora sutis ou profundas, porém elementos transformadores de uma cultura em desenvolvimento. Desenvolvimento este marcado não só nos aspectos estilísticos da edificação, como também pela espacialidade e a evolução dos cômodos que compõem a divisão interna da casa.

Estudar a casa colonial como moradia é também estudá-la como comércio, como hospedaria, como sala de aula, como um salão de festas, ou seja, uma diversidade de função desenvolvida com facilidade e freqüência na época. Atualmente vivemos em tamanho desenvolvimento, e hoje, em muitos casos a casa passou a exercer apenas a função de descanso, nem mesmo o lazer está condicionado mais a esse espaço. Já o estudo de caso da Casa do Pilar, nos mostra que é possível adequar uma casa residencial do século XVIII as novas funções e

usos contemporâneos, porém essa adequação deve ser elaborada de forma respeitosa, a fim de preservar a tipologia da casa. Adaptar um ambiente ao outro, é sempre uma difícil tarefa, principalmente nesse caso, um órgão público adaptado em uma casa, requer um minucioso estudo prévio da edificação tanto estrutural como histórico.

A Casa do Pilar está alojada em um imponente sobrado do século XVIII, inserida no conjunto histórico de Ouro Preto, que precisa estar em constante readaptação para atender as condições necessárias a qualidade de trabalho dos funcionários e usuários. Através dessa idéia, retomamos a proposta central do estudo, uma construção histórica é passível de sofrer alterações que visem qualidade, atendendo os novos usos e necessidades contemporâneas de seu usuário.

O interesse por esse trabalho começou com a necessidade de entender por que tantas pessoas reclamavam de residir e exercer diferentes funções nas casas antigas. O que poderia haver de tão complicado na adequação desses ambientes. Porém ao fim deste, concluímos que existem sim muitas barreiras (fiscalização, dinheiro, respeito com edificação) que dificultam a melhora na qualidade de vida nas moradias citadas e nos novos usos de destino, mas tal processo não é impossível, o importante é conhecer o ambiente e tentar buscar soluções arquitetônicas que viabilizem a qualidade de vida integrado a preservação e conservação dos elementos tipológicos que compõem edificação.

## Referências

AVILA, Affonso; GONTIJO, João M. M.; MACHADO, Reinaldo G. **Barroco minério**: glossário de arquitetura e ornamentação. 3. ed. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996. 232p.

BRANDÃO, Helena Câmara Lacé; MARTINS, Ângela Maria Moreira. Varandas nas moradias brasileiras: do período colonial a meados do século XX. **Revista Tempo de Conquista**, [S.l.], v.1, p.1-20, 2007. Disponível em: <[www.revistatempodeconquista.nom.br](http://www.revistatempodeconquista.nom.br)>. Acesso em: 18 set. 2010.

FERNANDES, Eda Conte. **Qualidade de vida no trabalho**: como medir para melhorar. 2. ed. Salvador/BA: Casa da Qualidade, 1996. 115p.

FREYRE, Gilberto. Casas de residência no Brasil - Introdução e notas. In: **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, v.7, p.99- 127,1943.

GONÇALVES, Marcus Vinicius Rios. **Novo curso de Direito Processual Civil**. 2.ed., v.3, São Paulo: Saraiva, 2009.

HOLANDA, Sergio Buarque. **Raízes do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras,1997. 224p.

KLUTHCOVSKY, Ana Claudia Garabeli Cavalli; TAKAYANAGUI, Ângela Maria M. Qualidade de vida: aspectos conceituais. **Revista Salus**: Guarapuava, v.1, n.1, p.13-15, 2007.

LEMOS, Carlos A. C. **Historia da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989. 145 p.

PEREIRA, Érico Felden et al. **Qualidade de vida do trabalhador**: discussão conceitual. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd136/qualidade-de-vida-do-trabalhador.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2010.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1983. 212p.

RODRIGUES, José Wash et al. **Arquitetura civil**. 9.ed. São Paulo: Fauusp, 1975. 330 p.

SALVADOR DE MOYA, 1941, São Paulo. **Anuário Genealógico Brasileiro**. São Paulo: Publicações do Instituto Genealógico Brasileiro, 1941. 546 p.

SILVA, Luis Octavio da. Os quintais e a morada brasileira. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 11, n. 12, p.61-78, 2004.

VASCONCELLOS, Sylvio de. Vila Rica: formação e desenvolvimento - residências. **Monografias: Acervo Curt Lange**, Rio de Janeiro: INL, 1956. 313p. (Biblioteca de divulgação cultural; VI).

VAUTHIER, L.L. Casas de residência no Brasil. In: **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, v.7, p.128-208, 1943.

VERISSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallmann. **500 anos da casa no Brasil**: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. 142 p.

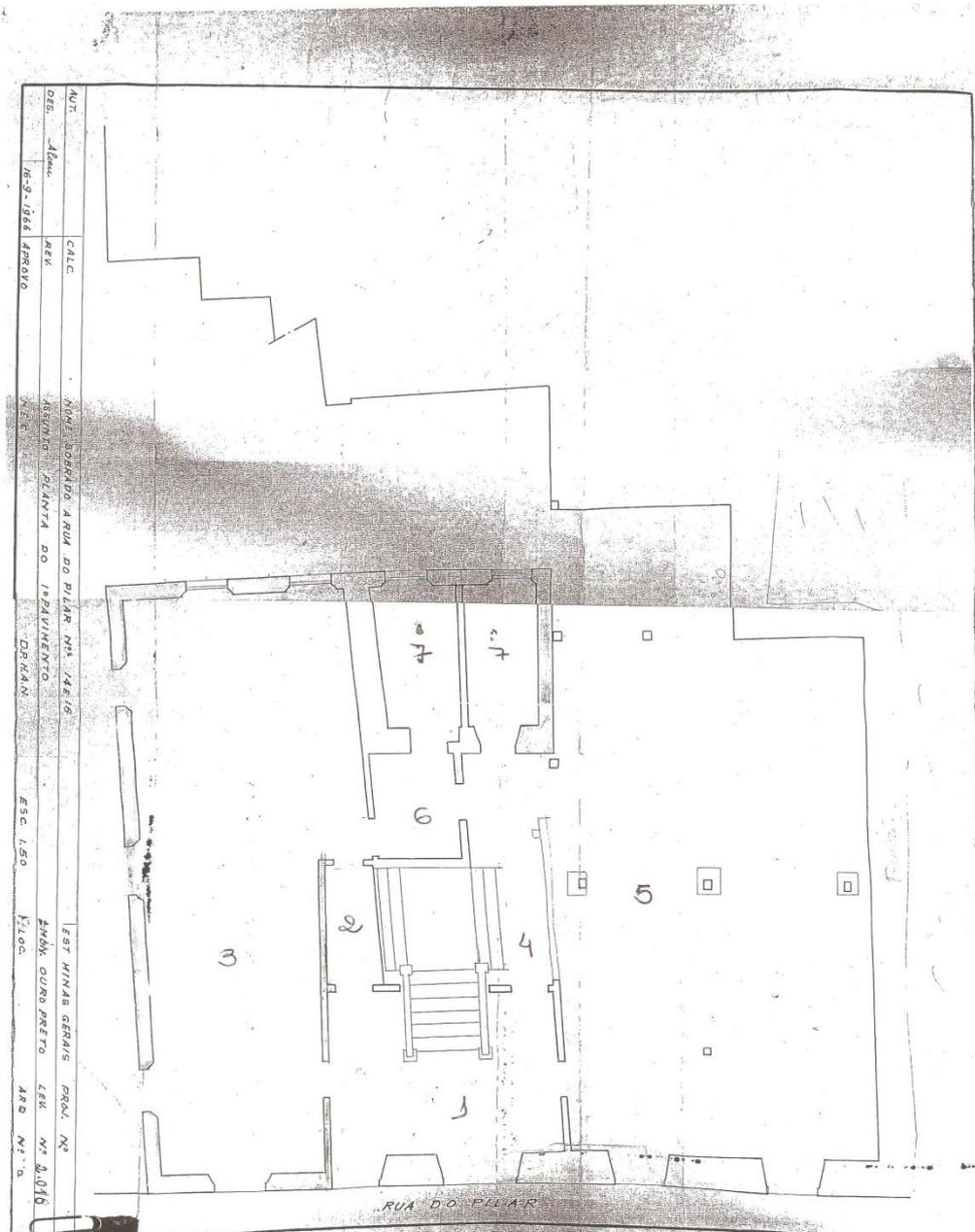
VERISSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallmann. **Vida urbana**: a evolução do cotidiano da cidade brasileira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. 230 p.

VILLELA, Clarisse Martins. **A arte da cantaria na arquitetura colonial de Ouro Preto**. Disponível em: <<http://www.ouopreto.com.br/artigos/detalhe.php?idartigo=5>>. Acesso em: 23 ago. 2010.

## ANEXO A

Planta da Reforma realizada entre 1963 e 1966

1º Andar

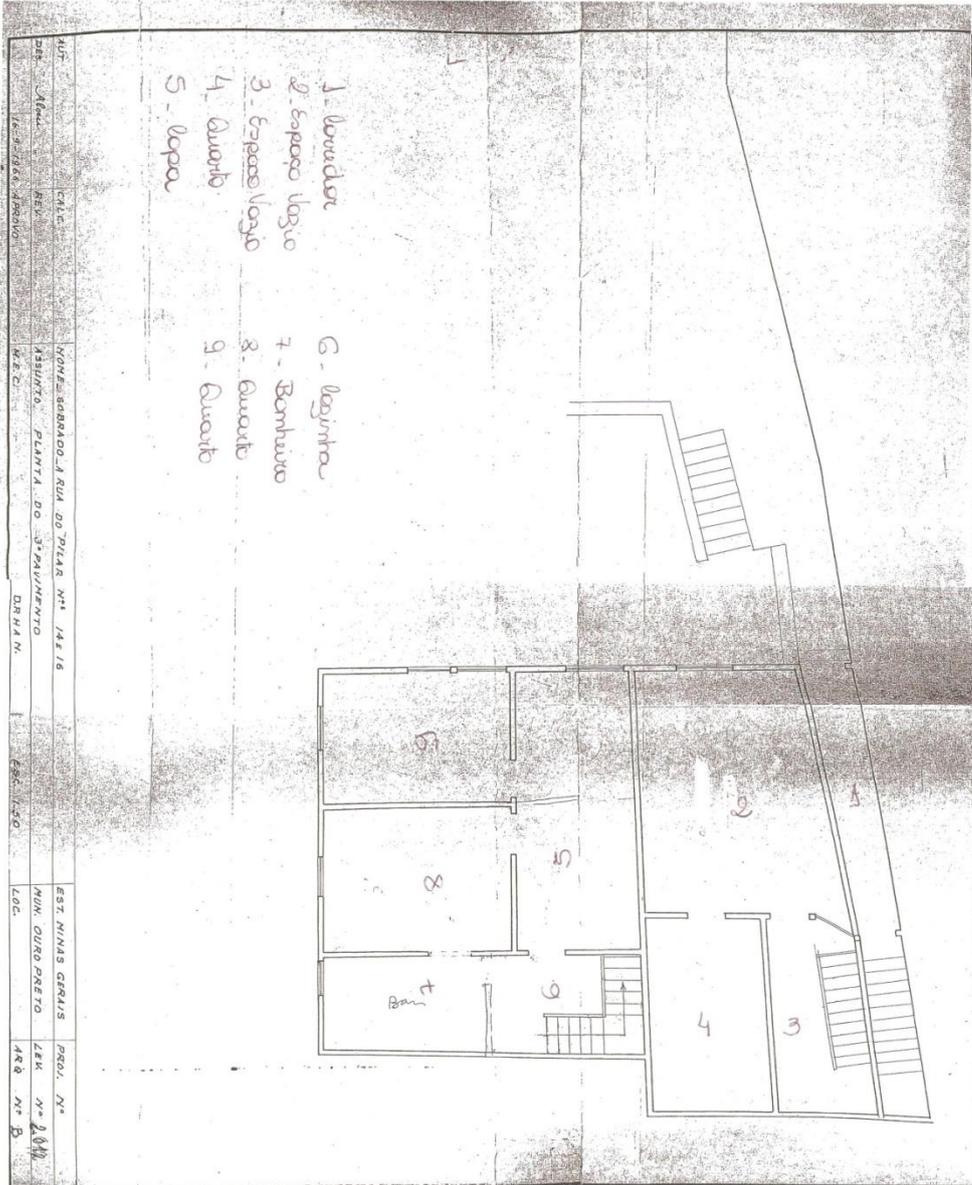


- 1- Portaria
- 2- Sala de Segurameça
- 3- setor Administrativo
- 4- Louçador

- 5- Setor Pedagógico
- 6- Área de café
- 7- Banheiros



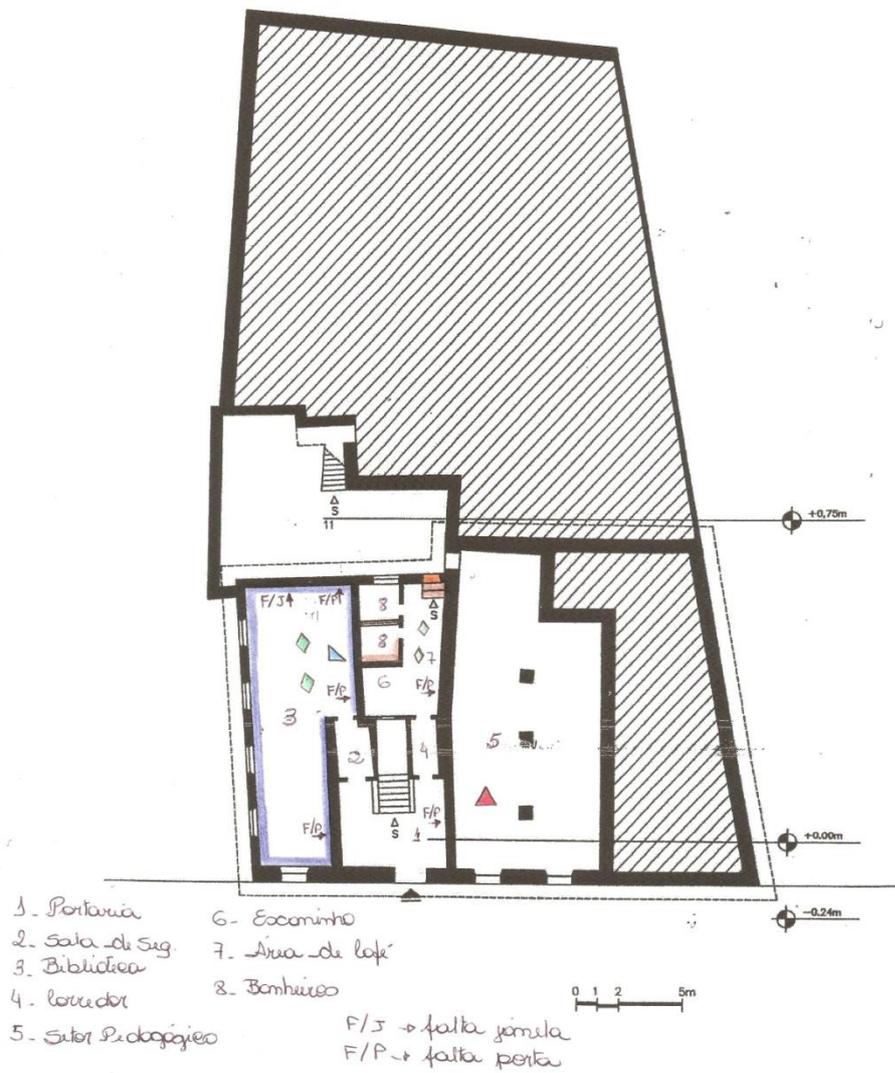
3º Andar



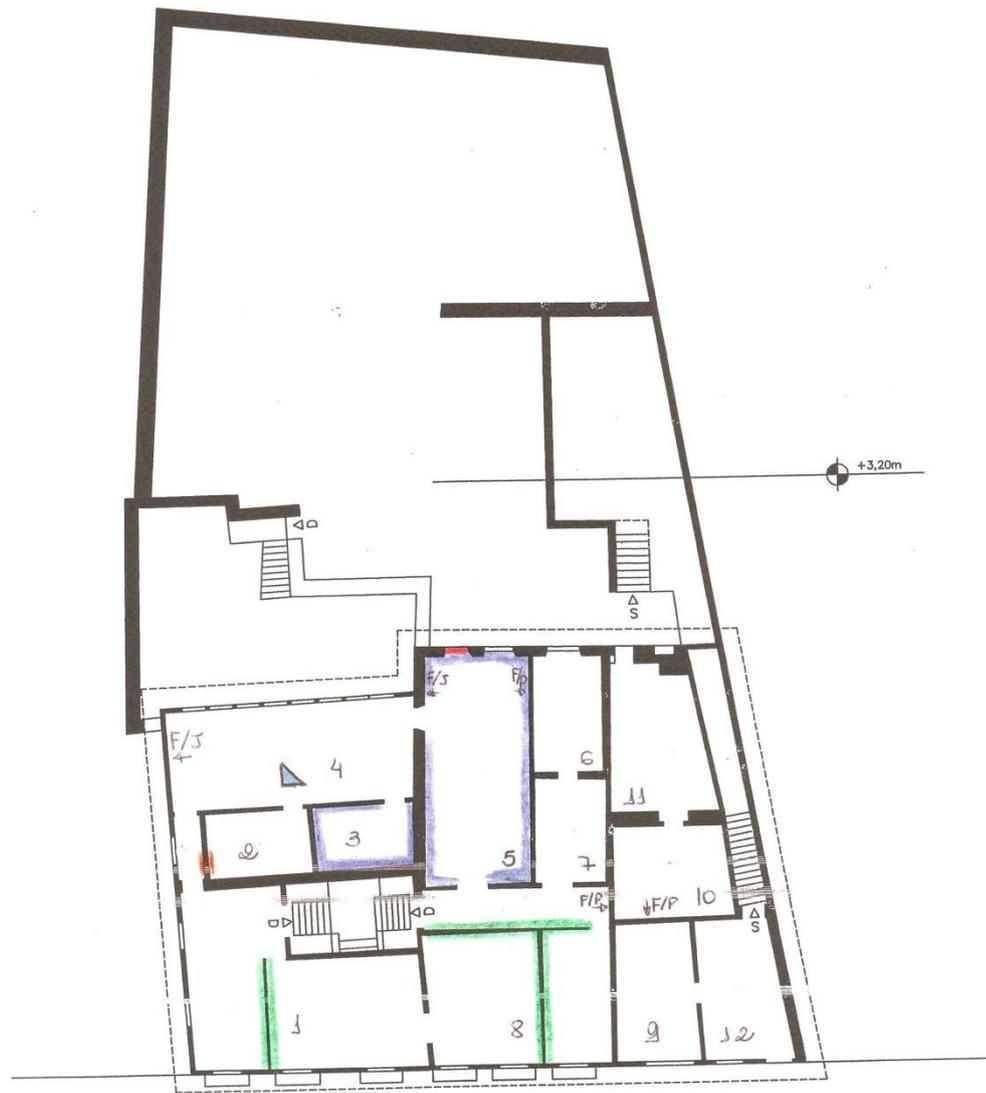
## ANEXO B

### Planta do levantamento realizado pelo Inventário Nacional de Bens Imóveis em Sítio Urbano Tombados - INBISU

1º Andar



## 2º Andar



- |                      |                           |
|----------------------|---------------------------|
| 1 - Sala de Doc.     | 7 - Arquivo de Museologia |
| 2 - Sala de Restauro | 8 - Sala de Museologia    |
| 3 - Sala de lencen.  | 9 - Almoxarifado          |
| 4 - Sala de Arquivo  | 10 - Almoxarifado         |
| 5 - Sala de Arquivo  | 11 - Almoxarifado         |
| 6 - Sala de Arquivo  | 12 - Vestibulo            |

0 1 2 5m

F/P → falta porta

F/S → falta janela

3º Andar

